

GLORIFICACAO A GONÇALVES DIAS

OK

0032171/2003

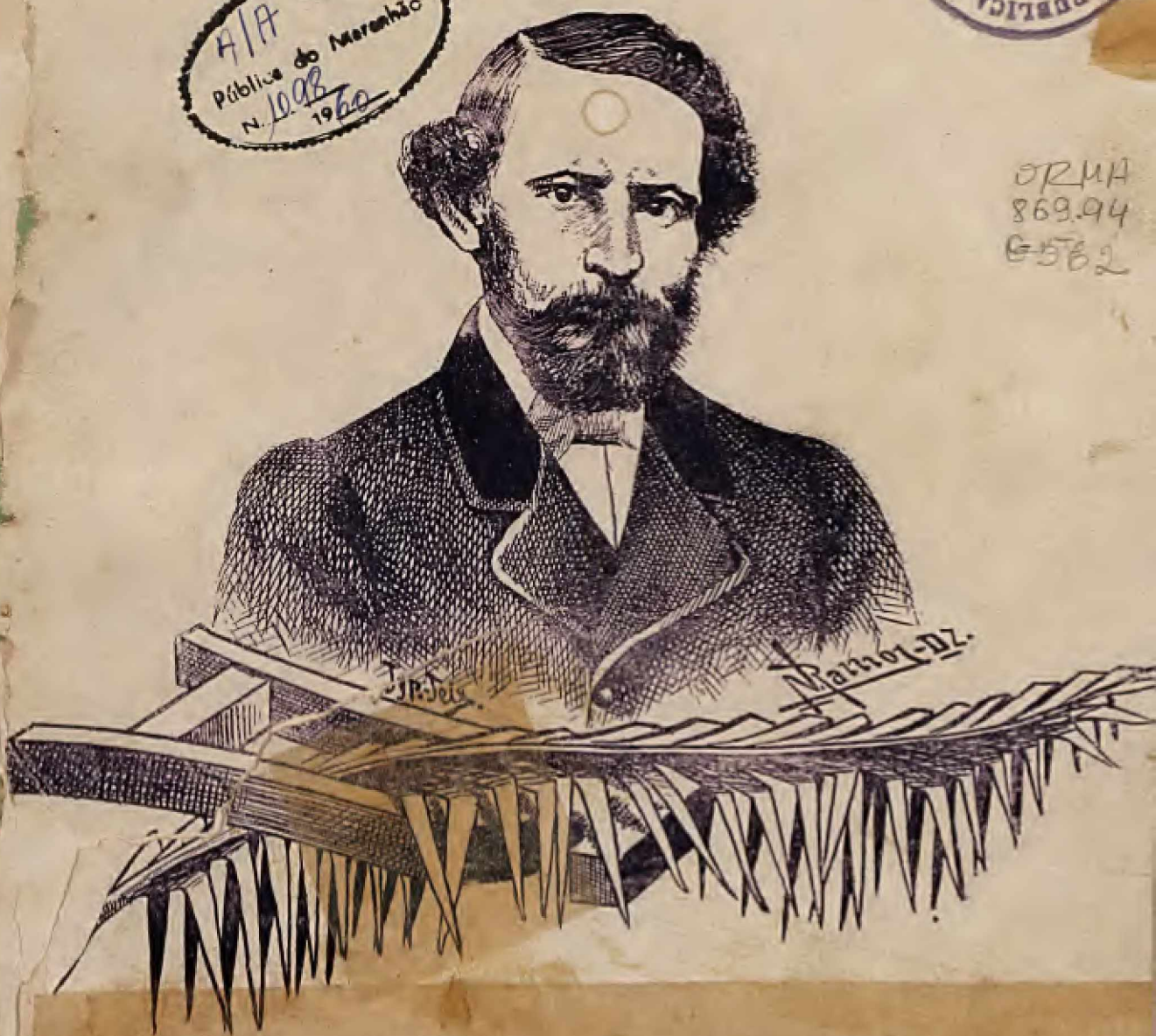


L0000032174

Biblioteca
Pública do Maranhão
N. 1098
1960



OP. 114
869.94
6562





Antônio Velloso

ALEXANDRE COLLARES MOREIRA JUNIOR

Gonçalves Dias

Como maranhense e como chefe do poder executivo do Brasil e a Oce-
cio-me jubiloso ás homenagens que são hoje tributadas ao grande origene brasi-
rico, cujo nome é um padrão de gloria para o Maranhão e a Oceania.
com os meus patricios pelo profundo sentimento de justiça que ditava Gonçalves
para levarem a effeito essas manifestações tão merecidas e instrucções philoso-

A estes,—os meus applausos; á memoria d'aquelle educação de uma scien-
veneração dos meus patricios, de cujos sentimentos tenho
de ser agora interprete fiel.

ALEXANDRE COLLARES
Governador

na sua autonomia e
atividade social, e, por
ver erigida em centro
ações theoricas sobre o



NUNO ALVARES DE PINHO

Longe de mim a velleidade de traçar nestas linhas a individualidade litteraria do mais lyrico dos nossos poetas e do mais poeta dos nossos lyricos.

Tarefa de sobejo superior á minha competencia, ponho-a por isso mesmo fóra dos meus intuitos.

Move-me apenas o natural impulso de, attendendo ás instancias do meu sentir patriotico, associar-me a essas homenagens de amor, de respeito e de admiração que se agrupam hoje contemplativas e extaticas, em torno da memoria do genial cantor dos Tymbiras.

Elle—esse Gonçalves Dias unico, esse inimitavel musico da alma—por effeito da inilludivel lei suprema da reversão ao pó, entregou ao mar, ha quarenta annos precisos, os seus despojos materiaes e só estes, porque o seu espirito divinamente inspirado terá a perpetual-o na lembrança da humanidade a incomparavel grandeza de suas concepções e a dôce e indizivel harmonia dos seus maviosos cantos.

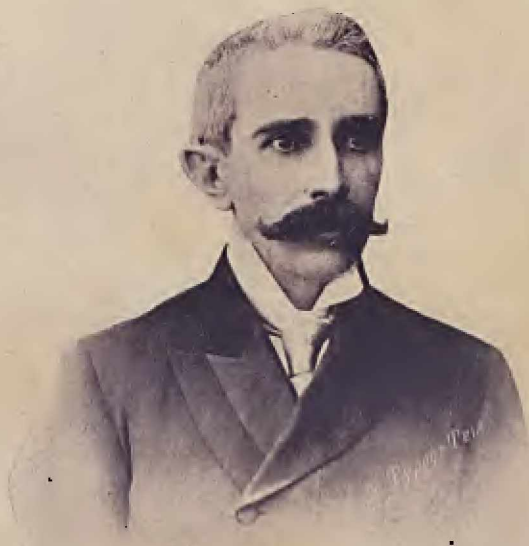
O grande poeta maranhense, portanto, soffreu a morte dos immortaes, donde resulta que, se o dia de hoje assignala uma data de lucto para a nossa patria, assignala igualmente a data luminosa de sua ascensão á Gloria nas annuaes do mais lyrico dos nossos poetas e do mais poeta dos nossos

socio-me de coração a essas homenagens de amor, de respeito e de admiração que se agrupam hoje, contemplativas e extaticas, em torno da memoria do genial cantor dos Tymbiras.

NUNO ALVARES DE PINHO.

Intendente da Capital.

O Sociologo em G. Dias



NINA RODRIGUES

O cultivo das boas letras habilita e retempera os povos nas qualidades viris do culto ao merecimento real e da justiça aos feitos de valor,—pedra angular da educação civica nas gentes e nações fortes.

As bellas tradições maranhenses, desmerecidas, quasi apagadas, no eclipse que a má gestão dos negocios da instrução publica projectou em todo o paiz, sobre os estudos classicos, ora dão mostras de vitalidade e vigor latentes nas juvenis associações dos moços que buscam reatar o presente ás glorias do passado, rendendo a devida homenagem aos nossos varões illustres.

D'entre estes, em merecimentos literarios, nenhum excederá a Gonçalves Dias. As qualidades proclamadas de genial poeta, de

consummado cultor das finas letras dão-se as mãos, no intellectual maranhense, aos dotes de vigoroso pensador, de investigador equanime.

De taes predicados não lhe advieram, é certo, honras comparaveis ás que se tributaram ao cantor inspirado. E assim era de justiça. Gonçalves Dias foi e permanecerá, antes de tudo, um poeta de eleição.

Todavia, não devem estes dotes desmerecer, nem excluir o devido apreço ás outras facetas porque brilhou o talento finamente lapidado do notavel brasileiro.

O juizo integral sobre as mentalidades de escól, como a de um Gonçalves Dias, não comporta a preocupação unilateral e exclusivista da sua qualidade mater. Antes pede, reclama o estudo, em seus contrastes, mesmo dos dotes antagonistas de merito e de demerito.

Não podia prescindir, pois, dos predicados de valor que as completam, que lhes dão a feição inteiriça porque ellas se offerecem aos posteros.

Temperamento substancialmente artistico, doirando de leves tons poeticos todos os assumptos que perlustrou, a feição positiva de pensador e esentista revelou-se em Gonçalves Dias na sua concepção pessoal da civilização e do papel dos povos nos destinos da humanidade, tal como a deixou lançada na memoria do Instituto Historico e Geographico, *O Brazil e a Oceania*, em que se pedia o estudo da capacidade cultural do aborigene brasileiro, de comparação com a dos povos e raças que habitam a Oceania.

Ao tempo em que escrevia e sobre estes themas meditava Gonçalves Dias, ainda não se haviam desprendido das grandes construcções philosophicas as idéas e vistas que hoje gravitam para a constituição de uma sciencia definida sob o titulo de sociologia.

Não se tinham ainda sufficientemente discriminado na sua autonomia e dependencias relativas, as diversas modalidades da actividade social, e por isso, arbitrariamente qualquer d'ellas se tinha podido ver erigida em centro exclusivo de construcções doutrinarias nas especulações theoricas sobre o destino dos povos.

Tambem foi assim, por demais simplificada a concepção sociologica de Gonçalves Dias.

As suas qualidades affectivas, delicadas e impressionaveis, as suas representações imaginosas e phantasticas de poetas, haviam talhado o homem para um crente e Gonçalves Dias era reconhecida e confessadamente um christão que recebia e exaltava, n'uma inspiração genial, toda a poesia da religião do Nazareno.

Por isso, para elle, como para os classicos do seo tempo, a capacidade de conversão ao Christianismo era o metro, o padrão porque se aferia a capacidade dos povos para a civilização europea.

A independência em que estão entre si a capacidade de converter-se ao Christianismo e a de adoptar a civilização da Europa Occidental não tinha recebido ainda uma demonstração estrondosa como só nos nossos dias veio tel-a do caso do Japão. Quem sabe? Talvez, nascida no abrigo da religião christã, essa civilização reclama certo grão de maturidade para se emancipar do seo apoio e, sem elle, de todo leiga, poder transportar-se a outros povos. E n'estes careçam de existir condições receptoras que possuiam os insulares amarellôs, mas ainda não tinham os indigenas do Brasil.

Seja como fôr, os principios fundamentaes da doutrina que o inspirava, as naturaes tendencias do espirito de Gonçalves Dias tudo simplificavam.

Medida da capacidade de civilisar-se era a de converter-se. Já a possuiam os indios brasileiros, pensava Dias; podiam, pois, ter sido trazidos á nossa communhão social.

Crimes dos colonos, erros ambiciosos dos catechistas se devem responsabilisar pelo desfalque que, d'esses poucos milhões de habitantes, soffreo a população patria, por terem-nos exterminados em vez de os redimirem da selvageria.

A defesa da these reclamava, em primeiro plano, a reabilitação dos aborigenes, pelos colonos reputados seres inferiores e imprestaveis.

E Gonçalves Dias tentou a historia ethnographica e politica do aborigene na sua distribuição territorial; nas suas relações politicas, já internas para com as demais tribus, já externas para com os colonisadores; nas suas qualidades guerreiras e moraes; e, mais que tudo, na elevação das suas concepções religiosas e das suas theogonias a par de um sacerdocio decadente, o que lhes devia abrir as portas á civilização europea, revelando-os aptos e preparados para a conversão christã.

Aos erros e crimes administrativos dos colonos que preferiram explorar o gentio e exterminar-o, corrompendo-o, acirrando entre elles os pequenos odios e rivalidades de aldeia, veio sobrepôr-se o grande erro da catechese jesuitica que, não tendo na conta devida as reaes necessidades da cultura do aborigene, antes buscou, na sua preocupação de um dominio theocratico para a Ordem, converter os neophytos em colonias de tutelados fanatisados e submissos, do que entregal-os na communhão brasileira sob a condição de cidadãos autonomos embora crentes.

Descansando assim em alicerces mal seguros, não poderia subsistir e ter duração a doutrina sociologica do primoroso poeta maranhense.

Novos estudos sobre o brasileiro aborigene não terão confirmado as suas idéas relativas ao estado social dos indios. A psychologia que elle applicava aos selvagens não tinha em consideração os ensinamentos da psychologia comparada.

E os votos humanitarios, que fazia pela conversão contemporanea dos ultimos representantes dos primitivos incolas, continuaram e continuam sem realisação.

Sem os colonos degradados dos albores da nossa historia, sem os erros da catechese jesuitica de então, os indios corrompem-se e extinguem-se hoje como já succedia n'aquellas epocas.

E' que a doutrina sociológica de Gonçalves Dias não tinha bases na apreciação dos factos objectivos, nascia do subjectivismo de uma alma de poeta, crente e imaginosa, dos seus sentimentos humanitarios revoltados contra as violencias e injustiças praticadas contra os selvagens, dos seus votos sentimentaes pela reabilitação dos opprimidos.

Vinha do coração, não procedia do cerebro.

Na feição scientifica, real e positiva que lhes procurou dar Gonçalves Dias, as suas concepções sociologicas não differem do que ellas foram nas ficções e lendas em que cantou e exaltou as qualidades do aborigene.

No grande Maranhense, o scientista, o sociologo, não valem o poeta. Mas, poeta ou sociologo, Gonçalves Dias é a mesma mentalidade sublimada a que não poderia faltar o preito da admiração dos posterios, que aqui lhe estamos a render.

A monographia em que expoz as suas doutrinas traz o sello das obras do talento, nos moldes amplos em que está vasada, na copia de erudição que revela, na grandesa e elevação dos argumentos.

Errar com o seo tempo e as suas crenças é de todo homem; dar ás suas convicções erroneas as proporções de uma demonstração grandiosa é de homem superior pela intelligencia.

NINA RODRIGUES.

(Da *Faculdade de Medicina da Bahia*).

Bahia, 1904..





I. XAVIER DE CARVALHO

Ode

A GONÇALVES DIAS

Vejo-te em plena gloria,
Num castello de sóes, resplandescete,
Longe da humana forma transitoria,
Entre nuvens assente,
Eterno e forte como um rei divino,
Tudo alumando, em brilho sobrehumano,
Montes e valles, rios e oceano
Tal como um sol a pino.

Um seculo se passa,
E um outro morrerá, mais outro ainda,
E a tua gloria fulgirá infinda
Sempre cheia de graça.
Resistirá no espaço a todo o atrito
Do tempo, e, em trajectorias luminosas,
Irá subindo, entre ascensões gloriosas,
Para alem do infinito !

Nesta hora de tedio,
Hora em que a incompetencia está no throno
E em que o Brasil definha, sem remedio,



RAUL DE AZEVEDO

... GONÇALVES DIAS é uma geração de intellectuaes. Elle pelo seu raro talento, de escól, pela inspiração larga e extraordinaria que tinha, burlador esmerado e caprichoso do verso, direi mesmo original e inegalavel no lyrismo suave e dôce, affectivo e expontaneo, representa um conjuncto literario, alguém que dignificou como poucos este Brasil adorado e querido.

Estão ahi, rebrilhantes como laminas de aço ao sól glorioso e triumphante da nossa terra, os seus versos joeirados, dum primôr de acabamento que delicia e espanta, ora leves como as rendas preciosas, ora sonóros e inapagaveis, estupendo de Arte e de sentimento, relembrando espadas a cruzarem, o tinir de ferros a se chocarem, relampagos a cortarem, todo um poema de amôr e de pezares, de alegrias e dôres, de caricias e lagrimas, de rugidos e imprecações, como esse *I. Juca-Pyrama* que vale uma literatura, que é bem nacional pelo coração e pela saudade.

Do grande patricio outros falarão, nestas paginas sinceras e amigas, com mais competencia e acerto. Eu quero apenas na minha prosa descolorida e sem rebuscamentos de Arte, falho o estylo, pobre a frase, o periodo sem os carinhos dos CELLINÉ das letras,—deixar aqui, através destas linhas, toda a minha admiração, toda a minha estima, toda a minha saudade pelo bardo extraordinario das *Poesias Americanas*, dos *Hymnos*, das *Visões*, dos *Tymbiras*, das *Sextilhas de Frei Antão*, poemas eternamente vivos no coração de todos os que amam e que têm noção exacta do grandioso e do Bello !

Manãos, Set. 904.

RAUL DE AZEVEDO.

A' memoria de Gonçalves Dias

Nas terras do meu Brazil
De lindas flores tão cheias,
Beijam-lhe as brancas areias
As aguas do rio Anil.

E quando sopram de lá
As doces brizas fagueiras,
Agitam as bellas palmeiras,
«—Onde canta o sabiá.—»

Ouvindo os echos da praia
Thesouros de melodia,
Repousa Gonçalves Dias,
Aonde a vaga desmaia.

E qual a voz de quem ama
Soltando amorosas queixas,
Inda se ouve as endeichas
Do bravo *I. Juca-Pyrama*

Nos echos do bosque umbroso
Onde serpeia o arroio,
Ouço a *Canção do Tamoyo*,
Fallando ao filho extremoso !

Vejo depois *Marabá*,
Princeza das felicicias,
A' sombra dessas palmeiras
«—Onde canta o sabiá.—»

Belém—1904

EUCLYDES FARIA.

Gonçalves Dias

O homem de genio, diz Marmontel, tem um modo de ver, sentir e pensar, que lhe é proprio. Está neste caso Gonçalves Dias, uma gloria nacional, o mais primoroso poeta que o Brazil produziu.

E jaz esquecido ! Pompea, é verdade, a sua estatua na pittoresca praça de N. Senhora dos Remedios, beijada pelas brisas do Anil e cortejada pelas palmeiras que elle cantara; mas bastará esta homenagem muda, representada no marmore da estatua ?

Não. Na memoria dos maranhenses é que o poeta deverá viver. Quem ler os suavissimos versos do immortal cantor dos Tymbiras, todos impregnados dos aromas das nossas florestas, não lhe recusará logar eminente entre os modelos da literatura nacional. Aproveite a mocidade, avida de saber e de gloria, este opulento thesouro. O bello, que é o esplendôr do verdadeiro, no dizer de Platão, não perece, zomba dos ultrages do tempo.

Imitar os grandes modelos não é sensivelmente copia-los, é construir edificio novo e formoso sobre a base granitica do passado, que se converteu em patrimonio da humanidade. Virgilio bebeu inspirações em Homero, e Dante, o portentoso auctor da *Divina Comedia*, não julgou desdouro ter como mestre o insigne poeta mantuano, confessando-o nestes termos:

Or se' tu quel Virgilio e quella fonte
Che spandi di parlar sì largo fiume
Risposi lui con vergognosa fronte.

Oh degli altri poeti onore e lume
Vagliami'l lungo studio él grande amore
Che m'ha fatto cercarlo tuo volume.

Tu se' lo mio maestro él mio autore:
Tu se' solo colui, da cui tolsi
Lo bello stile che mi ha fatto onore.

Depois do exemplo do poeta florentino, tambem ardentissimo, atrevo-me a dar aos moços este conselho:

FAZEI REVIVER A MEMORIA DO NOSSO GONÇALVES DIAS E IMITAI-O NO QUE FOR VERDADEIRAMENTE BELLO E IMPERECIVEL.

Monsenhor MOURÃO.



OLAVO BILAC

A Gonçalves Dias

Celebraste o dominio soberano
Das grandes tribus, o tropel fremente
Da guerra bruta o entrechocar insano
Dos tacapes vibrados rijamente.

O maracá e as flechas, o estridente
Troar da inubia, e o Kanitar indiano. . .
E, eternizando o povo american ,
Vives eterno em teu poema ingente.

Estes revoltos, largos rios, estas
Zonas fecundas, estas seculares
Verdejantes e amplissimas florestas

Guardam teu nome: e a lyra que pulsaste
Inda se escuta, a derramar nos ares
O estridor das batalhas que contaste.

OLAVO BILAC.

(Da *Academia Brasileira de Letras*).

Como um paiz sem dono,
 Nas mãos inhabeis de um governo estulto,
 Consola, nesta quadra pessimista,
 Sentir-se a mocidade alçando a vista
 Para teu grande vulto.

Emquanto, a erguer o collo,
 Estão os cogumellos occupando
 Os lugares das arvores no solo,
 E' bello, desprezando
 O vil contacto d'esta gente fatua,
 Ver-se um bando de moços, em louvores,
 Arcos erguendo, sobraçando flores,
 Para enfeitar-te a estatua.

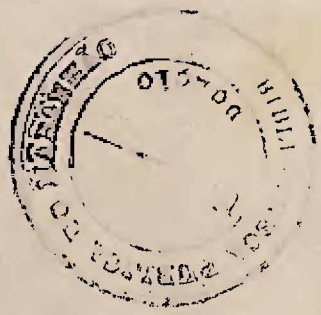
N'esta sombria quadra
 Em que a patria tem sede e sente fome,
 E Nero, como um cão, furioso, ladra
 E morde aos que têm nome,
 E' grande, é justo, é magestoso, é nobre,
 Ainda haver coração apaixonado
 Que rasgue, em plena luz, o veu pezado
 Do olvido que te cobre.

Tua terra, poeta,
 Semelha aos olhos das nações do mundo,
 De ignobil corrupção tocando a méta,
 A um lupanar immundo...
 Varella, Bittencourt, Jacques, Figueira,
 Pregam em vão pelos jornaes, na rua...
 Em vão ! porque a Republica está nua
 Sem folhas de parreira !

Caim mostra-se em face
 Do sol. Por entre consciencias mudas,
 Como se esta vergonha não bastasse,
 Quem dita leis é Judas...
 E o throno, com Caligula no meio,
 Despreza os homens a chicoteal-os
 E dá honras de consul aos cavallos
 Só para os ter ao freio.

Que importa a mim o esgarro
 Da gente de hoje que, com a vista turva,
 Beijando os pés de um idolo de barro,
 Hypocrita se curva !...
 Eu não ! mau grado a moda do momento,
 Com a consciencia que minh'alma expande,
 Só faço curvaturas ao que é Grande,
 Ao poder do talento.

O julgador que assiste
 As ondas luminosas que atiramos
 Entre o nevoeiro deste tempo triste
 E o louvor que te damos,
 Ha de, alegre, exclamar, como confôrto,



Falando cheio de sinceridade:
 —No paiz que possui tal mocidade
 Nem tudo inda está morto !

E ha de dizer que enquanto
 Houver um'alma, um coração, um peito,
 Curvando-se ao teu vulto sacrosanto
 A te prestar um preito,
 O Brasil, apesar do que lhe escapa
 Em honra e amor do que lhe foge em crença,
 Ha de ser sempre a mesma patria immensa,
 Não sahirá do mappa.

*
 **

Mestre entre os Mestres, Mestre !
 N'esta glorificação, que traz no seio
 Mais aspecto de ceu do que terrestre,
 Dentro da qual eu leio
 As mãos dos Puros te batendo palmas,
 No enthusiasmo que teu nome arranca,
 Communga, de entre os Astros, a hostia branca
 Feita de nossas almas !

I. XAVIER DE CARVALHO.



FRANCISCO SERRA

A Gonçalves Dias

Grande artista do amor divinizado,
 Deus que descesse para nova vida
 Gravaste em oiro, Poeta illuminado,
 As maguas doces da mulher querida,

Depois em verso forte e burilado
 E sonoro, de augusta fronte erguida,
 Cantaste a patria tua e mais amado
 Sahiste, e vencedor da insana lida.

Hoje não cantas. Nós por ti cantamos
 E ao mundo inteiro teu valor mostramos
 Enquanto o povo te circumda em palmas.

E aquelles suaves poemas que fizeste
 Numa harmonia triumphal, celeste,
 Eternos viverão em nossas almas !

II

Fizeste do theatro um templo aberto
 De pura luz que o nosso olhar fascina.
 E quanta vez, a sós, no teu deserto
 Viste Leonor, a loura e cristallina !

Com a lira a vibrar sentiste perto
A glória. E o índio na taba diamantina,
Sempre internado e foragido, certo,
A doce voz te ouviu em cavalina.

Desmudaste o amor tecendo-o de glória
Que jamais morrerá na longa história
Do desespero casto do teu grito!

FRANCISCO SERRA.

Santos, 1904.

(Da *Oficina dos Novos*).

O Cantor dos Tymbiras

De homenagem não sei prestada a Gonçalves Dias, além da representada no marmore da velha praça dos Remedios. Se foi isto repudio ás inconcristaveis conquistas intellectuaes do passado, opera-se hoje auspiciosamente a reivindicção dos louros esquecidos.

Ainda bem. Não nos esquecemos de todo que o sentimento e a razão constituem ainda os primordiaes factores do verdadeiro progredir, e que a vida da humanidade sem a influencia immediata dos poetas e dos sabios, pouco differiria da dos demais viventes...

A civilisação é o fructo dos primeiros versos, disse-o, não como novidade, a musa de Boileau.

Dos versos, sim, porque foi esta sempre a linguagem melhor entendida pelos homens; a linguagem em que David nos fala de Deus e das cousas divinas; Homero nos refere a bravura dos gregos, Virgilio nos encanta com a doçura da vida campestre, Goethe registra as lendas allemães, e o nosso Gonçalves Dias canta os costumes e o valor de uma raça anniquilada pelos conquistadores inexpertos, embora ella docil e facil de adaptar-se á civilisação. E haverá quem não creia no imperio da poesia? Este, por accaso, não dormiu os seus primeiros somnos embalado pelas cantigas de uns labios infinitamente bondosos; nunca aprendeu a ler nuns olhos entontecedores a linguagem maviosa e exclusiva dos apaixonados; nunca alimentou no cerebro ainda vigoroso o culto de um idéal, de um sonho mesmo irrealisavel!

Mal de nossa éra em que o industrialismo victorioso e absorvente, deixou a contemplação da natureza e o cultivo do sentimento sob todos os aspectos, para um plano muito inferior, objecto de seu proprio fim, factor de seu proprio desenvolvimento.

O que isto indica, o que transparece deste materialismo acabrunhador, não é, de certo, a inutilidade da poesia, o desprestigio desta força invisivel e sublime que aproximava outr'ora, numa florescencia de imagens e de idéas, a natureza e a humanidade de seu Deus. E' o proprio homem que decae, é mesmo a raça humana que na vertigem de sua grandeza, esquece o poder que a elevou e não comprehende já que o sentimento e a imaginação continuam como dantes desligados do interesse actual da vida pratica. Entretanto é por elles, os poetas; é atravez os seus cantos impregnados de desejos e martyrios, de pessimismos e de sonhos, que as idades se manifestam, se avultam ou se amesquinham, e se impõem afinal aos applausos ou ás maldições dos posteros.

Por isso, a commemoração d'agora é para os maranhenses uma reabilitação, apoz o doloroso olvido em que deixaram o maior poeta nascido nestas plagas. Verdade é que para os homens, mesmo os de certo cultivo, são ainda as façanhas guerreiras e as revoluções felizes com seus heróes e vencedores, os factos mais memoraveis da vida de um povo. Na França, ao apresentar-se na Assembléa revolucionaria o projecto de uma estatua á Rousseau, o pregador das idéas da Revolução, houve quem pedisse uma em primeiro lugar a Marat, o sanguinario que não se cançava de gritar que era necessario abatter duzentas mil cabeças.

Tinha razão o fogado tribuno. Os victoriosos pacíficos vivem no bronze imperecivel de suas obras; os seus feitos não precisam trasladar-se para a Historia que é uma enorme jaula onde as feras se esfalfam e se atassalham, embasbacando os curiosos inconscientes. Mas á nós, os moços, cumpre irmos despindo este ardor bellicoso que não devemos presenciar sem a lembrança cruel dos primévos tempos da natureza inculta e barbara

Seremos os sonhadores para os que se dizem praticos, porque não comprehendemos que seja humano o clióque de interesses entre nações, até a guerra, entre individuos até o odio, e não escondemos certa repulsão ao assistirmos dia a dia a victo ia do homem sobre a natureza, manchada ainda pela mesma animalidade latente que fazia inconciliaveis os povos primitivos. Para nós, sejam os triumphos da palavra, como arte ou como sciencia, symbolo ou verdade, os unicos sinceramente memoraveis; o mais fique apenas consignado como simples incidentes inevitados. Glorifiquemos os poetas, apostolos de todas as religiões e de todos os credos de que a alma na sua mais alta expressão é o maior dos santuarios; e o pensamento, a idéa, nas manifestações multiplas do Bello, o culto unico e sempiterno !

E para nós brasileiros, mais que Gonçalves Dias, quem merece o preito de nossa admiração ? E' elle o poeta mais caracteristicamente brasileiro. Nunca a nossa maravilhosa natureza, nem antes nem depois, soube inspirar um estro tão brilhante e fecundo ! Lendo-se os poemas em que elle resuscita com a imaginação só dada aos genios, os primitivos povos do continente sul-americano, chega-se a ter orgulho de que Alvares Cabral já encontrasse em terras de Santa Cruz uma raça como aquella, capaz de resistir ao branco, e que preferiu o exterminio a ser escravizada e ver-se sem direitos na mesma terra, testemunha perenne de suas proezas e de seu caracter independente e insubmisso. Escrevia eu, (como os annos se vão?!...) ainda no Lyceu, nuns versos ao Cantor dos Tymbiras:

«Emquanto houver um peito palpitante
ha de a alma vibrar (gloria suprema !)
da altiva raça, heroica e triumphante
nos versos immortaes de teu peoema !»

De facto, Gonçalves Dias immortalisando uma raça digna de melhor sorte, immortalisou-se e será sempre o celebrado cantor dos primitivos habitantes do Brazil. Este é o seu maior e mais justo titulo de gloria. Succedam-se os seculos e a leitura de seus versos tornar-se-ha mais interessante e o seu estro melhor apreciado. Serão sempre a maravilhosa historia das origens de nossa nacionalidade, anteriores á conquista dos luzitanos.

Glorificar o grande vate, é glorificar uma éra cujos factos não se acham escriptos nos annaes, mas que a poesia recolheu como um padrão digno de immortalidade.

Rio, 26—IX—904.

B. VASCONCELLOS.

Gonçalves Dias

Descança, oh lutador, que assaz lutaste !

GONÇALVES DIAS.—*Canto Inaugural.*

Dorme, Poeta. Ao som da voz brilhante
De teu vivo sepulchro,—ao som da forte
Onda do mar:—dorme áfinal na morte,
Oh lutador, vencido e triumphante !

Deus, ao te dar o amago arquejante
Do mar, aos ventos lugubres do norte—
Eternizou a tua augusta sorte,
Pois fel-a como a vaga eterna e errante.

Repousa emfim no pelago estrellado,
No teu vasto sepulchro illuminado,
Tu que as glorias da vida conquistaste:

Embalado nas molles ondas cerulas,
Entre os rubros coraes e as brancas perolas
Descança, oh lutador, que assaz lutaste !

LUIZ GUIMARÃES.

Pela Tribu

Acceitemos a opinião dos que affirmam não poder chamar-se nacional uma literatura inspirada apenas na vida errante das tribus primitivas, utilizando parte de seu vocabulário rude, delineando seus inveterados costumes, descrevendo seu character e suas guerras.

Observada, como está, a paridade symetrica entre a lei da selecção nas especies organicas e na evolução linguistica, e attendendo á falta de homogeneidade nos principios formadores de nossa nacionalidade, essa opinião não deixa de ter serios fundamentos. Além disso, as literaturas não podendo ser creações especiaes deste ou daquelle escriptor, aquella que se quizesse alimentar com a observação de uma só natureza de factos, por um prisma unico, terminaria esgotando-se, quaesquer que fossem seus recursos e suas combinações.

A obra de Gonçalves Dias não está neste caso. Para que ella avulte no seio das letras patrias, não é preciso contrariar taes affirmativas, nem romper o parallelismo existente entre as duas correntes representativas de nosso desenvolvimento intellectual e de nossa composição ethnica. Não é preciso enfeixar nos estreitos limites da côr local um lyrismo que vem soando harmoniosamente em nossos ouvidos ha mais de cincoenta annos, com a mesma intensidade e com a mesma inalteravel melodia, arrancando hoje na terra maranhense as mais expontaneas e sinceras homenagens.

Para que o poeta surja nas verdadeiras proporções de seu genio, para justificação de nossos preitos, basta-nos a convicção de que elle fez uma obra de amor e de justiça, realisou o pagamento de um tributo—justiça e tributo que dia a dia se impõem ás gerações brasileiras.

E assim fallando, não nos queremos referir ao auctor das *Sextilhas de Frei Antão*, de inspiração bebida nas velhas chronicas do reino; nem tão pouco ao coração meigo cuja unica ambição final era voltar «gostoso á obscuridade, como um soldado desconhecido» logo que lhe chegasse a voz amiga bradando-lhe: «basta!»

Queremos referir-nos de preferencia ao vate que escreveu a *Canção do Tamoyo* e *J—Juca—Pirama*, que estendeo o olhar atravez das florestas impervias, surprehendendo o aborigene no viver placido das tabas ou no fragôr indomito das lutas, que revestio a calma desse viver e o ardor dessas lutas com as roupagens de uma phantasia simples mas vigorosa, em que nem é sacrificada a verdade aos caprichos da imaginação, nem a imaginação se mostra pobre de atavios no debuxar dos paineis mais suggestivos da selva, no desdobrar dos quadros mais attrahentes da natureza tropical!...

Nos primordios do seculo visegimo, ante as surpresas das descobertas que cada dia apparecem, ante a consequente ascensão do nivel moral dos povos e por entre as multiplas conjecturas que as doutrinas levantam nos espiritos, duas trilhas principaes se offerecem a esta sociedade que, no diser do grande poeta, «perdeo a crença religiosa sem ter adquirido a convicção scientifica»: ou aquella por onde seguem os utopistas que acreditam no amplo congraçamento dos corações no planeta ou a que leva á conclusão de que a vida será eternamente o embate do amor e do odio, das ameaças de guerra em alta escala e das promessas alviçareiras de paz universal.

De qualquer modo que succeda, a justiça e o amor serão os dois ideaes, attingiveis ou inattingiveis, em torno dos quaes se ha de erguer a epopéa do futuro.

A justiça, como a mais sobérba, a mais portentosa das aspirações do presente, aspiração que é como um cartel de desafio atirado ao egoismo tresloucado dos homens e dos povos, murada contra a qual se quebra a

marêta das mais desordenadâs paixões, aspiração que é a fonte donde emerge toda a luz que illumina os recessos das almas... O amôr, como um êlo bemdito, fasendo a integração dos puros sentimentos, um sôl servindo de centro a um systema tão velho quanto o mundo, determinando a gravação de cada uma de suas partes.

A epopéa—a celebração dos fastos que enchem largos periodos da historia, enlaçada de transportes ovantes, rutilações de fôrma, manifestações da arte pela arte, da sciencia pela humanidade, tem a magestade e a rigesa dos monumentos que, talhados no ferro e no bronze, ou arrancados ás rochas marmoreas, attestam, sob a acção lenta das oxydações eternas, a força vital de cada povo. O sentimento e o saber traçam sob o influxo bemfasejo de convicções politicas ou religiosas, paginas admiraveis eternizando a bravura sem par dos heróes; o livro é então um monumento a levantar bem alto toda uma serie continua de feitos memoraveis. Os monumentos sustentam mudamente o que a historia ensina, completam o que o livro narra, submettendo á visão o que apenas ao pensamento era dado contemplar:—a epopéa está no marmore ou no ferro...

O livro produz vibrações nas almas, penetra nos corações; o marmore, o ferro e o bronze cream raizes no abrasado coração da terra, envolvem os heróes na chlamyde descommunal do céu !...

Pois bem, si nossa Patria, com uma conquista moral de vulto, fornecesse os elementos para uma epopéa de amôr e de justiça, como outr'ora Portugal, sob outro aspecto, levando a bandeira christã ás terras do Oriente, era preciso que nella a formação de nossa raça fosse celebrada, para que, ao lado do negro e do europêo, figurasse o índio masculino offerecendo ao ramo então constituido e diferenciado toda a energia de sua envergadura de athleta, todos os impetos altivos de sua alma selvagem, temperando o sôpro ameno das auras florestaes com o lyrismo do poeta mavioso que lhe perpetuou o character inquebrantavel.

Nessa epopéa não só o tymbira valente em arranques intempestivos, defendendo tenaz a virgindade do sólo amado, se evidenciaria emprestando scintillações a cada verso; mas o *Gigante de pedra* «que os raios sómente poderam fundir» acordaria para celebrar, não colerico mas cheio de saudades,—qual moderno Adamastor, dominando o sussurro das borrascas com a voz potente—o desaparecimento do vigoroso tronco que bem poderia ter deixado inextinguiveis rebentos.

E quando a justiça e o amôr nos fizessem volver os olhos ás terras de Africa, afim de passarmos em revista o quadro ignominioso do captiveiro, penitenciando-nos assim dos erros de nossos antepassados, nas terras brasileiras, á invasão furiosa dos elementos mais heterogeneos, á chegada de colonisadores que, inconscientes de sua missão, encheram o paiz de escravos, o selvagem iria recuando numa retirada tristissima de vencido guerreiro que não se entrega, espoliado, embora, o seu direito de posse sobre as mattas cerradas e os campos extensos, mas ardente, mas incomparavel, bradando á progenie por entre os estrépitos da luta:

«Tu choraste em presença da morte ?
Na presença de estranhos choraste ?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!»

Por isso nessa poesia ha uma obra de amôr e de justiça, o pagamento de um tributo, pois, nella se reconhece a sobranceria instinctiva do homem creado no seio uberrimo da natureza virgem e está fixada a existencia de um germen que, si não foi o principal factor do typo brasileiro porque teve

de submeter-se a uma civilização relativamente adiantada e cruel, nos legou alguma cousa de seu temperamento e de seu descuidado viver.

Por não ter sido unica a influencia da tribu, indistinctamente, na estrutura de nosso meio, não podemos, não temos o direito de negal-a, hoje que della apenas restam destroços, de ouvido attento ás curvas extremas dos caminhos, á espreita de estranhos exploradores, preso o pensamento a uma continua ideia de fuga para mais longinquo paragens, onde se conserve o canho de seu viver primitivo, caracterisado pelo dominio exclusivo da fauna e da flora.

Não é que nos demóvam sentimentos diversos em relação aos outros contingentes ethnologicos, a rasão de assim nos manifestarmos. Mas devemos lembrar-nos de que o branco, movido pelo interesse proprio, embora através de perigos, foi sempre o elemento dominante dado seu gráo de civilização; o negro roubado á patria, escravizado, mas acastellado na fortaleza de seus requintados affectos, além das estrophes carinhosas de primorosos poetas, teve em prol de sua causa toda essa avalanche formidavel que foi a corrente abolicionista—avalancha que procurava erguel-o sempre e sempre, corrente que o arrastava para a luz e para a liberdade, enquanto o gentio, mal apoiado em fracos protestos, foi marchando para traz, marchando da claridade scintillante do littoral para a escuridão insondavel dos bosques, passando por todas as gradações de dominador a foragido...

Uma poesia que celebra o periodo aureo des-e viver, que conserva, como os monumentos da esculptura, o feitio inteiriço dessa gente desvalida mas heroica e forte, é, pois, uma obra de justiça, encerra o pagamento de um tributo, deve ser conservada como uma grande obra da literatura nacional.

E' neste ponto de vista que os trabalhos do genial poeta têm maximo valor para nós. Magestoso cantando as proprias dôres, quasi fazendo-nos participar da propria angustia, o poeta guinda-se para muito alto, deixando-nos abysmados, quando retrata o facies de nossas brenhas, quando fixa immorredoiramente as lendas em voga, das quaes transpiram uma communicativa suavidade e uma mystica atracção que não se apagam nem sê diluem no espaço e no tempo.

*
* *

Si as aguas nem sempre fasem ouvir tristonhas melopéas, si seus des-cantes soffrem variações, certamente ao alvorecer deste dia, quarenta annos atraz, os mareantes intrépidos, nas arriscadas travessias, perceberam que os oceanos em furia suspendiam lentamente o monotono cantochão de suas vagas e mandavam em flócos espumejantes e nevados ás arestas caprichosas das penedias adustas, casando-se ao ciciar dos palmares nas praias distantes, o verso doce, harmonioso, cadente do inspirado cantor cujo corpo desfallecido descia a suas profundesas...

LUSO TORRES.

Canción del destierro

Mi tierra tiene palmeras
Donde canta el sabiá;
Las aves que aquí gorjean
No gorjean como allá:

Tiene en su cielo más luces;
Tiene en sus prados más flores;
Tiene en sus bosques más vida
Y en su vida más amores

Pensando sólo en la noche
Más placer encuentro allá;
Mi tierra tiene palmeras
Donde canta el sabiá:

Mi tierra tiene primores
Que no hallo iguales acá;
Pensando sólo en la noche
Mi placer encuentro allá:

Mi tierra tiene palmeras
Donde canta el sabiá;
No permita Dios que muera
Sin poder volver allá.

Sin que goce los primores
Que no hallo iguales acá;
Sin que aun vea las palmeras
Donde canta el sabiá.

M. GARCIA MEROU.

Buenos-Aires—Republica Argentina.

Gonçalves Dias



FENELON G. BRANCO

A mocidade maranhense, n'uma justissima expansão de nobres e elevados sentimentos, vem, no dia de hoje, que assignala o 40º anniversario do tragico acontecimento da morte do glorioso poeta Antonio Gonçalves Dias, render mais um culto de admiração ao seu talento fecundo e privilegiado, uma significativa homenagem ao seu espirito superior, uma verdadeira apothese á sua memoria imprecivel.

E' justissima na realidade, e, grandemente dignificadora essa idéa, porquanto nenhum outro maranhense tem sabido, mais do que elle, enaltecer o nome desta bella terra que lhe serviu de berço, e cujas grandezas, com inexcédível amor e com inegualavel perfeição, tambem soube elle cantar nas inspiradas e sublimes estrophes que enchem

diversas paginas das suas soberbas e luminosas obras.

Morto embora o insigne cantor dos *Timbyras*, esse vulto proeminente que tantas e eternas glorias trouxe á vastissima nação sul-americana, especialmente á formosa princeza do sertão maranhense — á legendaria Caxias —, que além reclinase graciosamente sob as mansas aguas do Itapecurú, tem elle, todavia, immortalisado na memoria de seus patricios o seu nome venerado e sublimado, ainda hoje, e para sempre, ligado a diversas das nossas instituições intellectuaes e materiaes. E, como demonstração ainda do culto que lhe é tributado pelo Maranhão — uma das mais bellas e precisas porções da terra do Cruzeiro — eleva-se soberba e magestosa, em uma das pittorescas praças desta Capital, á sombra das esguias e poeticas palmeiras, «onde canta o sabiá», a estatua do mavioso e inolvidavel cantor, a mirar-se altivamente nas aguas tumultuosas e irrequietas do Oceano immenso que lhe serviu de tumulo.

O humilde autor destas linhas, apesar de não ser filho do Maranhão, mas a elle estando prezo por outros honrosos titulos, sente legitimo orgulho com as suas glorias. Demais, como brasileiro e sectario da unidade e integridade da Patria, considerando que trata-se de render homenagem á memoria de um dos mais illustres patricios, do vulto mais notavel da poesia brasileira, de uma das primeiras e mais limpidas scintillações da literatura nacional, vem gostosamente alliar-se aos nobilissimos e louvaveis intuitos da digna commissão promotora destes festejos, e prestar o seu fraco e insignificante concurso á consagração posthuma do grande e genial poeta, do primoroso e sublime lyrico brasileiro.

FENELON G. BRANCO.

Ao immortal Cantor dos Timbyras

Sirenas do Alem-Mar, castellos e princezas...
—Sou Atlantida, em flor, quebrando o encantamento
Do imperio de Chrystal... Por sobre o irradiamento
Do Genio esculptural que affaga estas turquezas,

Eu venho m'embalar nos fastos dos Timbyras,
No kanitar que ensombra as fronte dos Guerreiros,
Na voz dos Maracás, nas mãos dos Feiticeiros...
Cantae bosques em flor, Piagas... Currupyras...

Espirito do Mar... Oh Extase infinito,
Tu que accordas o Azul e que o meu estro expandes
Na tumba do Cantor por estas noites grandes,

Tu que accendes á noite a flamma do aerolitho,
Vae abrir os salões dos encantados deuses,
Guardados por Dragões d'espadas e de arnezes.

Oh Noite... Eternidade !... Oh Extase infinito...
Eu—Atlantida, em flor, nas vagas dos Cruzeiros,
Venho accordar o Sol das plagas dos Guerreiros,
No vortilhão do Azul que traz seu nome inscripto.

Pompas monumentaes do tupico arrebol,
Erguei-vos dos chrystaes dos mares constellados...
Virgens que estaes sonhando os faustos dos noivados...
Lyras que estaes dormindo... ahi vem o vosso Sol:

E' o Sol do coração que accende o Sentimento,
Rubro como o coral dos labios de Iracema,
Veste a luz auroral que doira o firmamento;

Por entre os madrigaes das magicas saphyras,
Vinde saudar o Sol que o vosso Deus emblema,
Oh Glorias marciaes dos válidos Timbyras.

No extase a palpitar n'essa Visão dos Andes,
Nas noites tropicaes das terras brasileiras,
Aqui accordam Trovões o Genio das palmeiras,
Embuçado no azul d'estes abysmos grandes...

No azul?!... Que direi eu?—Nas gemmas ondulantes
Do seio ardente, em flor, de Anyãras Collossaes;
E entre arminhos d'espuma e aurelias doudejantes,
Jorram astros, a flux, á tona dos chrystaes:

Brame Y Juca Pyrama... accorda os teus cantares,
Quero ver os Astraes, nas Operas dos Mares,
Nas danças festivaes ao som de seus borés...

Brame Y Juca Pirama... accorda os teus cantares,
Derrama a tua epopéa á luz d'estes luares,
Sejam as noites—Vizões... as vagas—os Pagés.

FRUCTUOSO FERREIRA.

Gonçalves Dias

3 DE NOVEMBRO



LAURA ROSA

Tal como a pequena fôlha caída de um galho fragil, sobre o esmeraldino tapete da gramma macia, matizada de odoríferas e mimosas flôres, será nesta ocasião este meu pobre escripto entre tantos outros mais expressivos, mais brilhantes que adornam estas ricas paginas.

Que pôderá dizer portanto minha debil penna desse inolvidavel dia, depois de já o terem dito tantas outras fortes e vigorosas, de valor subido?

Pálidas serão as minhas expressões, fracas as minhas palavras de admiração e enthusiasmo dedicadas á memoria do mavioso poeta maranhense.

—Gonçalves Dias—doce nome que repercute além, nas longinquas plagas estrangeiras, como o echo harmonioso de sua lyra

afinada, e que os vêrdes leques das elegantes palmeiras de sua terra natal murmuram saudosas quando a brisa os embala de manso, ou quando pou-salhes o sabiá, queixoso a descantar.

O oceano, o immenso pélagó que também canta nas horas mortas, que também desfere ternas endeixas, achou por demais pequeno o seio da terra para guardar o poeta, disputou-o portanto, e guardou-o ciumento nas suas profundezas ignotas, ha quarenta annos já.

Mas, parece, que ainda hontem vibrava sua doce lyra, porque ainda é bem viva a sua imagem em cada coração que lhe ama as lêttras repetidas com saudades em dulçurosas estrophes e guardadas com carinho.

Elle é immortal, sua idéa perdurará perpetua, a patria não o esquecerá, parte do universo o aclamará sempre e jamais deixará de pranteal-a sua terra natal, com a mesma dôr.

O dia 3 de Novembro marca a desastrosa morte do inditoso poeta; gravou-se porem indelevel em cada coração maranhense de envolta com o seu grande nome querido, aureolado de perenne luz paradisiaca.

Oh! amado poeta da minha terra, tu não morreste ainda, vives nos livros, nos corações, na idéa, encarnado na bellissima—Poesia—

A ti um voto de pungente saudade e veneranda admiração.

LAURA ROSA.

Gonçalves Dias



DOMINGOS BARBOSA

Em nenhum escriptor nacional accentua-se tanto a influencia da raça, da epocha e do meio como no auctor da *Marabá*.

Oriundo de dois povos profundamente impressionaveis,—o cavalheiresco Luzo e o guerreiro Tupy; florescendo n'uma epocha em que o Romantismo avassalava a todos os intellectuaes que se dedicavam ás lettras; sahido dos bancos da Universidade de Coimbra, poderoso nucleo romantico, e residindo por muito tempo na provincia, em que, por um phenomeno communissimo, as qualidades de impressão se dilatam muito mais que nos grandes centros, onde o borborinho não dá lugar ao ocio, de que resultam sempre o extasis, a contemplação e o impressionalismo;—Gonçalves Dias não se poudes furtar á influencia do lyrisimo, em que embebeu ao

mais bellas das suas producções poeticas.

Ainda por influencia diathetica, cantou com admiravel maestria a heroicidade guerreira e deu aos versos d'esse genero feição tão forte que, lendo-os, parece ouvir-se, ora o choque aspero dos maracás indigenas, ora o ruido surdo dos tacapes de guerra.

Espirito superiormente sensato, soube Gonçalves Dias evitar nos seus versos a pieguice ridicula para que facilmente resvalla todo o lyrico a que falta o criterio artistico que n'elle superabundava, o que é incontestavelmente um dos lados mais apreciaveis da sua solida obra de poeta e de artista.

D'esse conjuncto de raras qualidades psychologicas e de superiores dotes de Estheta amante das grandes naturaes da sua terra, em cuja vida havia para elle mais amores, originou-se aquella inspiração toda sua, em cujos moldes vasou os versos admiraveis pelos quaes ascendeu á tonalidade da poesia lyrica americana.

São, pois, das mais justas as manifestações de carinhosa veneração que sua terra lhe faz hoje e ás quaes eu me associo com toda a effusão de um admirador entusiasta, para quem o nome do Poeta é o symbolo eloquente das passadas grandes da Patria.

Mas, a manifestação que mais grata lhe será, que sóbe como um insensu mystico a envolver-lhe a estatua de marmore, n'um torvellinho de singellas, doces e perfumadas caricias, que vae, qual uma onda sonóra esbater-se-lhe aos pés,—é a homenagem que a Mãe brasileira rende-lhe, cantando-lhe as estrophes para adormecer o Filho e que elle recebe sorrindo, lá do alto do seu monumento, fitando a vastidão immensa das vagas e tendo a aureolar-lhe a fronte a veneração dos seus patricios, corporificada n'um halo de luz clara, tranquillã e gloriosa...

DOMINGOS BARBOSA.

A' memoria imperecível de Gonçalves Dias

Vinha rompendo alegre a rozea madrugada
 Envolta n'um cendal de neve prateada
 Na tela do infinito immensa e azulina,
 Tremeluzia ainda a Vesper diamantina,
 Que nas vagas revoltas do mar cavo e gemente
 Reflectia do azul a face refulgente.
 Singrando o oceano—o traíçoeiro amigo—
 Eis se aproxima um barco em busca de um abrigo
 Dentro um vate a scismar, o todo esmaecido,
 Vem em busca do lar, da patria bem amada,
 Onde em tarde serena a brisa perfumada
 Perpassa pelos leques virentes das palmeiras
 Em que o plumeo cantor das selvas brazileiras
 —O sabiá canoro—descanta em harmonia
 Toda a gamma dos sons com que sauda o dia.
 E vem seguindo o barco. Mas oh! fatalidade!
 Oh! destino cruel!... Com fria impiedade
 Escancara o oceano a fauce monstruosa
 E sorve na voragem a vida preciosa
 Do cantor genial. Depois indifferente
 Quedou-se o velho mar, guardando eternamente
 No imo de seu seio immenso e tão profundo
 Esse genio immortal que abrilhantou o mundo.
 E lá dorme o poeta. As ancias derradeiras
 Só teve a lhe escutarem as vagas traíçoeiras
 Douradas ao clarão da eterna peregrina
 Que em noites ideaes de placidez divina
 Tantas vezes beijou-lhe a fronte scismadôra
 Aonde irradiava a chamma immorredôra
 Do estro sem igual. A prece lhe escutara
 O Deus que no exilio um dia elle invocara
 Partindo-lhe da vida as cordas derradeiras
 Em aguas do Brazil, a vista das palmeiras.

Itapecurú-mirim—1904.

MARIANNA LUZ.



ALCIDES PEREIRA

Gonçalves Dias

Ha 40 annos precisos, no dia de hoje, succumbia elle, no estertor da mais cruel agonia, debatendo-se contra o mar em furia, olhos fitos no céu da patria amada, coração lanceado de dôr.

E a nova sinistra de tão tragico acontecimento que enlutou a Nação inteira echoou veloz por todos os angulos do Paiz, dolorosa e profundamente.

Annos depois, porem, resurgia elle, redivivo no marmore que lhe ha de eternamente perpetuar a memoria alli, na praça pittoresca que hoje lhe tem o nome, soberano e altivo a contemplar magestoso, por entre as gentis palmeiras, o oceano perfido cujas ondas murmurantes vêm humildes beijar indefinidamente a areia proxima... enquanto do alto sól ardente do Maranhão em fulvos lampejos, lhe circunda a fronte augusta de Immortal !

E' ainda hoje o maior dos Poetas Brasileiros.
Salve Gonçalves Dias !

3 Novembro—1904.

ALCIDES PEREIRA.



DR. OSCAR GALVÃO

O REDIVIVO

A' Gonçalves Dias

Rasgae o sendal de gloria
Perpetuado na historia
Dos vultos do Maranhão,
Onde vereis um gigante,
Tendo por manto o Atlante,
Calmo, fitando a amplidão.

Quem é?
Não vês? Não conheces?
O bardo de homereo porte,
Guiando densa cohorte
Que a dura morte ceifou! ?
Quedou-se a umbia guerreira,
O boré jamais estruge
E a onça que ao longe ruge,
Troando de dor—chorou.

Não mais na matta ciccia
A brisa pelos palmares;
De espaço algum pyrilampo
Vagabundeia nos ares,
E o oceano arquejante
Soluça nenias de dor;
A lua tece corôas
Ao mavioso cantor.

Em torno murmuram ondas
Lh'ensopando o enduape,
Quebram scentelhas de espumas
No seu rubro kanitar;
A aurora que além resurge,
Roçando a cupula do monte,
Vem alegre a bronzea fronte
Louca de amor—oscular.

Se a morte a fatalidade
Apagou o acceso lume,
Do craneo o rico perfume
Entranhado aqui ficou.
Não mais o maracá sôa
As tribus vagueiam atôa,
Depois que o pastor ingente
Aos paramos azues voou.

Dr. OSCAR GALVÃO.

O GLORIFICADO DE HOJE

*«Gonçalves Dias não imitou a na-
die. Es genuinamente de su tierra,
y las palmeras que figuran en sus
cantos habian susurrado de placer al
darle alguna de sus ranas, simbolo
de la immortalidad».*

C. GUIDO Y SPANO. (Carta lite-
raria a Francisco Guimarães, na
Ilustración Sud-Americana, n. 183,
de 15 agosto 1900).



ASTOLFO MARQUES

O nome de Gonçalves Dias corre a Europa e a Columbia por entre as alas da Fama conquistando a Glória, e tem o seu excelso lugar na História.

Modesta é a nossa homenagem à memória do grandioso Artista, tão modesta como a pessoa que a rende, mas pela sua sinceridade de sentimentos dá um reflexo, pálido embora, da Obra e do Homem que a inspiram.

Nascido na cidade de Caxias, a 10 de agosto de 1823, sendo filho do negociante João Manoel Gonçalves Dias e de Vicência Mendes Pereira, uma mestiça,

Antonio Gonçalves Dias serviu como caixeiro no escritório, de seu pai, até que este, cedendo á vontade que seu filho tinha de estudar, o mandou para Portugal, onde fez o curso preparatório e de direito, na Universidade de Coimbra, na qual recebeu o gráu de bacharel (1844). Regressando a Caxias, entregou-se á advocacia, profissão que abandonou dentro de poucos mezes, indo para o Rio de Janeiro (1846), onde foi nomeado, a 5 de março de 1849, professor de história pátria e de 2.º e 3.º annos de latim do Collegio Pedro II.

Por indicação do Visconde de Monte-Alegre, então ministro do Imperio, o govêrno encarregou-o (1851) de examinar os cartórios dos mosteiros, os arquivos municipais e estado da instrução pública nas provincias do norte, afim de colher documentos para o Arquivo Público. Voltando dessa commissão (1853) foi nomeado primeiro official da Secretaria dos Estrangeiros.

A 15 de junho de 1854 foi encarregado de ir a Portugal, desempenhando a mesma commissão que exercêra nas provincias do norte do Brasil, e estudando o estado da instrução pública nos paizes mais adiantados da Europa, percorrendo a Belgica, a Inglaterra, a Itália, a Suissa, a França e diversos Estados da Confederação Germanica. De volta dessa commissão (1858), seguiu para o Ceará, numa commissão scientifica e exploradôra, como chefe e directôr da secção etnografica.

Percorreu por espaço de seis mezes, em sucessivas investigações, o Amazonas e seus principaes afluentes. Tornando ao Rio de Janeiro (1861), sentiu-se doente, em consequencia de cançadas explorações; e, vendo agravar-se-lhe a saúde com o trabalho inerente á coordenação dos seus relatórios, resolveu vir ao Maranhão, em 1862. Em julho dêsse anno correu insistentemente o boato de sua morte, quase comprovado com a relação das mais verosimeis circumstancias, felismente logo desmentido.

Indo novamente á Europa, depois de lá permanecer dois annos, re-

gressou, ainda doente, falecendo a 3 de Novembro de 1864, na barra do Maranhão, victima do naufragio do navio francês *Ville de Boulogne*, de cuja pôpa, devido a um feliz achado, se encontra parte depositada na Bibliotéca Publica deste Estado

Foi Gonçalves Dias o primeiro poeta columbiano que abandonou os moldes dos mestres europêus, dedicando-se a criar por conta propria. Não são os principes estrangeiros as personagens da sua Obra, e sim os indigenas e os nacionais oriundos de raças estrangeiras. Fazendo acurados estudos da lingua Tupi, com o proposito de caraterisar as suas personagens, publicou, depois, os resultados num dicionario para o estudo dessa lingua. Desconhecido no Brasil, pouco depois de iniciar-se na vida literaria, em Portugal tornou-se conhecido pelas suas produções poeticas. ALEXANDRE HERCULANO, lendo os seus trabalhos, num artigo encomiastico fez a sua critica, concluindo que «era a observação sincera dum homem que nunca fizêra elogios a pedido, nem os solicitado para si».

Não recebendo em vida a recompensa a que fazia jus a sua enorme bagagem literaria, pois a isso se opunham os prejuizos de côr, então reinantes, e um dos motivos, senão o principal, que o obrigaram a emigrar—quando, com uma posição conquistada e com um nome aureolado, voltava á Patria, prostrado por uma enfermidade que só o sólo pátrio, dizia, era capaz de curar, eis que sobreveiu o naufragio da barca que o conduzia e elle pereceu pela duplação dos elementos e da enfermidade que o impediram de salvar-se.

A posteridade, porém, se encarregou de pagar-lhe a divida. HENRIQUES LEAL, pondo-se a frente dum movimento popular, que nesse sentido se iniciou, ergueu-lhe o monumento de marmore, ora rodeado pelas palmeiras por ella cantadas.

Como erudito ou etnografo, como dramaturgo ou historiador, «as suas aptidões são de ordem superior ou distincta». Comportaria uma enorme bibliotéca o que se tem escripto sobre tão importante Vulto nacional. Registemos aqui alguns conceitos, valiosissimos, pelos nomes que os firmam.

«Mestiço das três raças constituintes da nossa nacionalidade, Gonçalves Dias, com solida cultura literaria, qual a tinha os melhores do seu tempo e do seu meio, temperado pela educação no proprio foco intellectual da lingua portuguesa a pela vida na Europa, é conjuntamente o mais eminente producto da gente brasileira e o tipo mais universal dos seus representantes intellectuaes. (1)

«Na obra de Gonçalves Dias encontra-se uma belleza secreta, o perfume peculiar das flôres sêcas e das cartas que dormem no fundo dos moveis de familia. E' uma composição (2) de fundo e de forma classicos, apezar do seu herôe indigena».

«Gonçalves Dias surgiu como um tranquillo sol, muito claro e muito alto, tangendo uma lira de nóvos acôrdes e procurando interpretar um novo sentir do seu tempo. Ao Brasil independente faltava o pleno congaçamento das raças e gentes que o habitavam. Pelos recessos das matas, escondidos em remotas regiões do grande imperio, povos selvagens ficaram fieis aos seus costumes, as suas linguas, aos seus ritos e ás suas tradições. O poeta estudou os, amou-os e cantou-os. A fase era romantica; inconscientemente fez-se romantico. Nos seus poemas, escriptos em um português duma veruaculidade castiga e castigada, elle fantasiou uns extraordinarios selvagens, de uma psicología complexa, dotados de altruismos que eram só dëlles e cheios de tão nobres qualidades, que se tinha logo o desejo de com elles tratar e conviver. Gonçalves Dias fixou uma época. Além de indianista, foi lirico de uma inspiração que não havia ainda, na literatura brasileira, subido tão alto». (3)

A manifestação que annualmente nos congrega para render culto a Gonçalves Dias, é por demais benefica para as nossas almas. De sua continuação é mister que não nos descuidemos. De hoje até ao dia em que se ha de realizar a outra, cumpre consagremos os nossos passos perdidos em meditar

(1) JOSÉ VERISSIMO.—*Estudos de literatura brasileira*, 2ª serie, Rio de Janeiro, 1901, pag. 27.

(2) GARCIA MÊROU.—*El Brasil Intellectual*, Buenos-Aires, 1900, cap. XXXV ref. a I—Juca—Pirama, pags. 386.

(3) FROTA PESSOA.—*Critica e polemica*, Rio de Janeiro, 1902, pags. 58—59.

na sua conveniencia; e parte da nossa actividade em propagá-la e em falar della aos que não a viram. «E' só da modificação gradual do público mediante uma propaganda continua da (Religião da Humanidade) que poderá rezultar a regeneração politica e moral». (*)

Trabalhemos para que, no 3 de novembro, os cidadãos cultos da nossa terra se ergam numa recordação ao nome do cantôr do Indigena; para que, dêsdê o proletario até o governante, conhecendo a Obra grandiosa que elevou á culminancia da Glória o vultoso maranhense, se reunam a nós numa commemoração esplendorosa.

Que não nos môva sómente o entusiasmo; que associado a elle nos guie a reflexão, para que o resultado sêja o mais grandioso e imponente. A decisão, a vontade e a constancia, cada vez maiôres em nós, devem ser postas em evidencia.

Reunamo-nos todos para glorificar a um dos principáis agentes da nossa evolução. Consagremos uma recordação de Amôr ao Poéta, ao Historiadôr, que, no passado, com a fôrça do seu saber traçou a rôta do Porvir...

E é á Mulher, batalhadôra invencivel de todas as idéas nobres, astro que irradia em tudo quanto é respeitante ao levantamento moral e intellectual da nossa sociedade, que compete a ingerencia eficaz da glorificação do maior poeta sul-columbiano. «*O coração só se domina pelo coração, e a intelligencia só se vence pela intelligencia*. Isto quer dizer que o govêrno do sentimento só cabe á Mulher, e a direção da intelligencia só compete aos cidadãos que teem o prestigio da verdade e do sabêr, aliás merecido ou não». (**)

Já alguém disse que o Brasil em seculos que se antevêem já, será o refugio e a salvação da Humanidade. Pois bem: Que com o seu apoio caloroso e vivificadôr a Mulher grave no coração a sacrosanta tarefa de glorificar Gonçalves Dias para, no dia em que a Humanidade chegar para recebêr o almejado refugio a par duma salvação promissôra, no Maranhão estêja alçado a tremular galhardamente, diante do marmoreo Monumento, e por entre as lequeadas palmeiras, o Pavilhão sob cujas dobras se abriguem todos a entoar clangorosamente as hozannas ao glorificado de hoje, comprovando que «os vivos são incessantemente, e mesmo cada vez mais, dirigidos pelos mortos, e que o verdadeiro sacerdócio poderá constantemente dizer aos mais orgulhosos tirânos: *O homem se agita e a Humanidade o conduz*».

ASTÔLFO MARQUES.

(Da Oficina dos Novos).

S. Luis, 3—XI—04.

(*) TEIXEIRA MENDES—*Ainda a proposito do despotismo sanitário*, «Boletim do Apostolado» n. 30 (P.), 13 de Homêro de 116 (10—fevereiro—1904).

(**) TEIXEIRA MENDES—*A proposito do despotismo sanitario*, Rio de Janeiro, 1904.

Gonçalves Dias

Alarma! Alarma!... E o válido selvagem,
Quebrando a mussurana na voragem,
Na sede da vingança,
Mostra que o braço do tupy valente,
Se, impetrando o perdão, dobra tremente,
Na luta não se cança.

Se covarde o pensaram, quando a vida
Somente por seu pae lhe era querida
E por elle a chorou,
Erguendo-se feroz e sobranceiro,
Numa luta de mil contra um guerreiro,
A coragem provou.

A terra brasileira tem mais vida
Mais estrellas a abobada incendida,
Mais luz e mais fulgor;
O meigo sabiá tem mais gorgeios,
São mais quentes da brasileira os seios
E é mais puro o amor.

O céu é mais azul, o sol mais quente,
E, roçando nas aguas da corrente,
A brisa fala amor.
Ha poemas de carne e de desejos;
Ha murmurios de breces e de beijos
Da selva no rumor.

Tudo isto cantaste, ó grande vate!
Dos mares de tua terra o doce embate
Pintaste em mago encanto.
E o meigo sabiá lá dos palmares
Em teus versos entôa pelos ares,
O sonoro canto.

Hoje dormes no seio do oceano
O destino cruel, atroz, insano,
A' vista dos teus lares,
Quando voltavas ás brasileiras plagas,
Fez entreabrir a tunica das vagas,
Te sepultou nos mares.

Mas, um dia virá (isto conforta),
Em que entrando a sciencia pela porta
Do válido tupá,
Elle busque no tumulto dos mares,
O sublime poeta dos palmares,
Cantor de «Marabá».

NEREU BITTENCOURT.

Annos passados



VIRIATO CORRÊA

Devia eu ter por esse tempo meus dezeseis annos, ao certo. Viviam commigo em roda o Gôdo Vianna, o Mingo Barbosa e o João Vieira. Por essa feita elles regiam o «Estudante», um jornalsinho franzino, acanhado e bisonho, sem dia certo ao mez e além desse mister que naquella epoca lhes devia pesar tanto ainda lhes sobravam horas para emmen-dar, fazer e refazer palavra por palavra as minhas primeiras comicbões de letras.

Uma manhã bem cedo, como a folhinha me dissesse que o grande Lyrico de minha terra, annos atraz, naquella dia se fôra pelo mar a fundo, corri afogueado á casa do Mingo, á rua Formosa. Encontrei-o esparramado volumosamente na rede, de papo para cima, resonando; o João Vieira subia do banho com a toalha atravessada no pescoço, batendo os queixos.

Estalei a nova radiando: nenhum delles tinha ainda olhado para a folhinha. E fingindo-me de serio, convencido quasi de já ser homem, numa expansão doentia de louvaminheiro lyrico, desabafei-me. Não se podia deixar assim levada pelo vento, ignorada como uma freira, aquella data estupenda que marcava no calendario de nossas glórias o eclipse de um astro, o apagamento de um sol. Era preciso berrar aquelle dia, tangel-o por toda a parte, rugil-o por todo canto, businal-o por toda banda, para que o mundo inteiro estremecesse da mesma maneira que a minha terra estremecera, annos atraz, quando o Poeta se fôra pelo mar a fundo. A glorificação do Bardo era imprescindivel: a folhinha chamava-lhe genio, eu tinha ouvido muita gente chamar-lhe genio; lá estava o seu vulto numa estatua e eu havia lido algures que o bronze e o marmore serviam para consagrar o Brilho. E nós como moços,—as esperanças da patria (é textual a phrase), deviamos abrir todos os recantos d'alma, toda a gallardia da nossa juventude e vasar no jorramento expontaneo do nosso ardor a maior das homenagens que o céu azul tem visto. Deviamos sair á rua, enramar a cidade inteira, enfestoa-la e brunil-a, effervescel-a e vibrar-a e quando ella estivesse arrebatada e tonta, capaz de ter vertigens, tomal-a de sopetão nos braços e gritar-lhe de chofre ao pé do ouvido o nome do Poeta.

Ah! mas era tarde! O João Vieira e o Mingo disseram-me que era tarde. Essas coisas não se faziam assim do pé p'ra mão. Era preciso muito tempo, muita canceira, muito dinheiro: para se escancorar a alma devia-se primeiro escancorar a bolsa. Além disso, um dia só, que se poderia fazer num dia? Um grito não se acorda com outro grito: o enthusiasmo é como a cerveja, precisa de muitas horas para fermentar. O que se poderia fazer, a coisa mais expressiva e mais breve era comprar flôres por ahi e deital-as aos pés da estatua. Tudo mais era chover no molhado.

Mandou-se chamar o Gôdo. O Gôdo concordou. A' tarde o creado do

Mingo foi esperar-nos com as flôres no largo dos Remedios. O João Vieira, pretextando visitas, não nos acompanhara. Partimos. E minh'alma fôra-se frisando na coloração mais cambiante dos devaneios de um moço: sonhava uma nova vida, vida de victorias e triumphos, aberta para o sol, desempañada para o céu, enthronizada para o infinito, uma dessas miragens impossíveis que a alma crea delirando, que todo rapaz sonha acordado; um desses absurdos escandalosamente lindos em que as fadas cantam e os condoreiros levam pelo clar, azul do espaço no mais flammante deboche de esplendores, na mais esplendida glorificação das glorificações sonhadas. Eu queria ser como o poeta, morrer desgraçadamente como elle morrera, ter meu nome pelas folhinhas, pelos jornaes, pelos dictionarios, baptizando as ruas, o costado dos navios, as sociedades litterarias, o rotulo dos cigarros para que todo mundo falasse sempre em mim, elogiando-me abertamente, até mesmo aquelles que não tivessem visto uma virgula minha, como naquella epoca eu incensava o Mestre sem lhe ter lido uma só rima. Invejei-o como vivo, mas invejei-o tambem depois de morto, aureolado pela Fama, immortalizado pelo Monumento, eternizado pela Immortalidade.

O entusiasmo parece com a cerveja, mas apesar disso eu imaginava quanta gente por ali lendo aquella folhinha avisadora, não tinha como nós corrido affoita para o Bardo; e junto á sua estatua, que multidões de braços não estariam despejando flôres, que immensa tropa d'olhos não estaria extasiada contemplando o vulto immenso ! E desejei que todo aquelle povo me fitasse demoradamente quando eu estivesse a deixar meu preito para ficarem sabendo todos que eu era alguma coisa homem e já tinha aspirações na vida, porque já sabia compreender um Poeta.

Acordei quando um dos meus collegas me tocou no braço. O bond havia chegado.

Saltamos.

Dois passos mais o olhar do Gôdo annuviou-se tristemente, vestiu-se-lhe o rosto de vermelho e o braço moveu-se largamente, apontando:

—Estão vendo ?

Estavamos vendo sim ! Eram a ingratidão e o esquecimento que se viam. Na estatua, nem uma petala de rosa, nem o colorido de uma petala, nem uma lembrança amiga ! Parecia que aquelle homem passara pelo mundo no desbussolamento fugidio dos cigarros pelos villarejos: sem deixar um affecto, sem deixar um aneio, sem deixar uma alma.

Em torno d'elle, desolação completa: era o largo quieto, fartamente gramminado, solitario, tristonho, desenrolando o tufamento verdolente da vegetação alastradora. Perto, um piano guaguejando; duas moças, em uma casa de asulejo, liam aconchegadas á janella a *Pacotilha*; uma creada, no passeio, acalentava uma creança chorona; mais longe a pompa tropical do occaso: o espanejamento ousado, tentador e quente de flocos escarlates, a chonatisação bisarra do esteror da tarde. E a velha estatua branca, desnudada e fria, erguida altaneiramente para o firmamento, tinha na grimpá, resplandorando a cabelleira do Poeta, o jalde borrão do poente. Somente o Sol, o velho Sol amigo, o camarada d'elle, trazia-lhe uma festa.

Olhei para o Mingo e olhei para o Gôdo. Estavam de cabeça baixa, abaidamente silenciosos.

Não sei o que lhes passava pela alma, mas pareceu-me ouvir quando respiravam o desabamento das suas illuzões de moço. Todo rapaz tem algo d'ave, aspira a altura. Elles tinham como eu limbado as nuvens.

—Vamos deitar logo essas flôres, disse desalentado o Gôdo, desperitando.

As duas moças não liam mais a *Pacotilha*. Fitavam-nos. E eu minutos antes desejando tanto que me vissem todos quando eu estivesse a deixar o meu tributo, temia agora o olhar trocista das mocinhas, temia-lhes o pen-

teado, as fitas do penteado. Compreendi o esquivamento do João Vieira. E, covarde, cheguei a propor até que se esperasse a noite para ninguém nos vêr. Mas o creado chegou com as flôres e os meus companheiros não tinham coragem de demorar mais ali.

Hoje, longe como estou, que aos meus ouvidos chegam o preludio da festa ao Lyrico, fico a pensar nessa bôa terra amada, que tantas vezes chamei ingrata por não tel-a compreendido, que eu suppoz madrastra quando ella é muito mãe. E mãe, dessas mães que trazem o coração nos braços e apertam tanto a gente que a gente fica suffocada. E' bôa de mais, guarda saudades como os namorados para desabafar-se um dia: o abraço sabe melhor, quando ha muito tempo não se abraça.

Rio de Janeiro, 2 de Outubro de 1904.

VIRIATO CORRÊA.

(Da Oficina dos Novos).

Gonçalves Dias

Incumbiram-me as minhas gentis collegas de manifestar neste dia o que sentem os nossos corações pelo primoroso poeta lyrico Antonio Gonçalves Dias. Escolha altamente imerecida para tão justo fim.

Difficil é graphar a incommensuravel alegria, o profundo enthusiasmo e a eterna veneração que votamos ao escriptor, cujas obras offuscadoras, cobrindo-se de universal gloria, formam as paginas mais brilhantes da nossa vida literaria.

O que ha de mais puro, mais encantador e mais sublime, se faz sentir no seu lyrismo incomparavel.

Reunidas hoje as nossas almas, inebriadas na deliciosa maviosidadê dos seus versos, entoam alegremente um cantico unisono em homenagem ao grande poeta maranhense.

MARIA DA CONCEIÇÃO MACHADO.

Alumna do 4º anno da Escola Normal.



GUILHERME MATTOS

Gonçalves Dias

Heróe! dentro da luz do pensamento,
Na mais soberba e rutila proeza,
Tu te elevaste da Arte á profundeza,
Entre o esplendor sublime do talento !

Tudo cantaste, enfim, da Natureza,
Desde o rugir do mar e a voz do vento,
A' apothéose astral do Firmamento,
N'essa infinita e lucida grandeza.

E assim, morreste comô audaz guerreiro,
E do saber no céu glorificado
Tu môstras da Arte esplendido cruzeiro!

E as gerações de todo este Universo
Hão de acclamar-te o nome laureado,
O' Rei do estylo! O' Príncipe do verso!

GUILHERME MATTOS...

Gonçalves Dias



HERMILIO PEREIRA

Quem quer que tenha um conjuncto de vista sobre a nossa literatura não desconhece a sublimidade do cantor das rendilhadas e viridentes palmeiras da minha terra e dos gorgeios melifluos e trinantes do sabiá das nossas invias mattas, onde o selvicola audaz, de tacape ao lado, buzio á bocca, brandia o seu cantico selvagem.

Gonçalves Dias foi o primeiro poeta que cantou a sua terra, longe, «entre gente que alheios males não sente» e, como elle, n'um sentimento puro, banhado pela nostalgia fria e torturante do aculeo pugentissimo da saudade, ninguém ainda conseguiu cantar.

O erudicto critico brasileiro DR. JOSÉ VERISSIMO, n'um pensamento que encerra uma verdade, diz que: «si um dia a nossa patria desaparecer o nosso

canto do Exilio está feito com a *Canção do Exilio*». (1)

Ninguém fará outra mais sublime, mais cheia de sentimento e sinceridade, que é uma das feições por que se admira e adora o cantor dos *Timbyras*, falava pelo que sentia o que deu lugar a que o citado critico o chamasse, com muito acerto, — o poeta do coração.

Despido da clamyde aurefulgente e mendaz da fantasia, bebendo luz e amor na natureza, n'um mundo real de sentimentos puros, foi o que se pode dizer, na ampla expressão da palavra, um poeta popular.

Todos nós sabemos da paixão dolorosa que o empolgou, paixão que elle, altisonamente, cantou em versos sentidissimos nas nuances de um lyrismo doce-amargo e, servindo-me do pensamento do DR. JOSÉ VERISSIMO, digo, como o illustre critico: «os seus poemas de amor commovem-me como a expressão de sensações e sentimentos experimentados». (2)

E amou com esse amor puro e immaculado, com esse rastilho de vida que soffoca a alma, que até chega a chamal-o—o que morreu de amor—.

Diademado com o estemma da victoria da intelligencia o seu inesquecivel nome é o halo da gloria da literatura nacional.

As poesias de GONÇALVES DIAS são genuinamente nossas, não foi o poeta beber inspiração em outros versos, os seus poemas têm a côr nativa, são filhos da alma brasileira.

ALVARES DE AZEVEDO, o sceptico que suffocou a sua mocidade nas trevas de orgias e descrenças, haurio inspiração em BYRON, em HOFFMANN.

CASTRO ALVES, a aguiã audaz crocitando na altura sobre nuvens de imaginaveis sonhos, cantando as suas phantasias, o poeta da escravidão, foi um discípulo fervoso que seguiu as pegadas de VICTOR HUGO.

(1) *Estudos de Literatura Brasileira*, Pags. 23 e 24, vol. I.

(2) *Obr. cit.*, pag. 29.

FAGUNDES VARELLA—o bandolim trinando e doce dos canticos saudosos dos sertões, contando ás flores, aos rios, ás aves, a historia amargurada e atroz das suas maguas, inspirou-se em MALHERB.

GONÇALVES DIAS inspirou-se nas palmeiras de sua terra, no cantico dos passaros, nos abencerragens e no amor: a natureza foi a sua mestra.

O seu lyrismo é doce e empolgante, cheio de modulações e volições: ora cantava sonante e tirste como o som languido e sentido de um christal quebrado; ora alegre como um papeio de trefegas rôlas n'um roseiral em flor; ora vibrante e forte como o choque de um estilhaço de ferro n'uma lamina de prata; ora lacrimosa e amargamente como uma endeixa de amor e de saudade cantada no deserto, entre as folhas, verdes de esperança, das mattas sombrias; ora dolente como a languidez de um raio de luar banhando deluznevada o cimo de uma montanha; ora elegiaco e sentimental se baixava os olhos cantando a profundeza glauca do oceano; ora divino e sublime, se erguendo os olhos fitava o céu infinitamente azul.

Cabe-me aqui repetir o que disse o poeta da humanidade GUERRA JUNQUEIRO—«Lyra de cem cordas! E em cada corda uma alma diversa, uma harmonia differente! O rouxinol é a primeira, o tróvão a ultima. (3)

FRANCISCO SOTERO DOS REIS, tratando de GONÇALVES DIAS exprime-se da maneira seguinte: «Este singular engenho, o maior sem contradicção que produziu o Brazil em nossos dias, não se limitou a ser o primeiro dos nossos poetas em mais de um genero, mereceu tambem lugar distincto entre nossos prosadores, reunindo assim duas qualidades que nem sempre andam a par uma da outra, porque os grandes poetas não são de ordinario grandes prosadores». (4)

Havia em GONÇALVES DIAS essa duplicidade de sentimento e de forma como poeta era divino, como prosador era purista, escrevia em portuguez castigo e de lei, attestando isso a sua obra *O Brazil e a Oceania*.

Hoje, em que vejo toda uma população em ruidosas festas, para a consagração de GONÇALVES DIAS, me vem a lembrança um pensamento que, para mim, nunca teve uma applicação tão synthetica: AUGUSTO COMTE, no desbravamento dos phenomenes politicos-sociaes, atirou á humanidade, a collectividade da força e da razão, um apothegma que em si concretisa uma verdade estupenda:—«os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos».

Conhecedores dessa verdade é que nós moços, formando hoje a posteridade daquelles que mortos nos governam, devemos sahir desse indifferntismo que ha tempo empolga a mocidade, lembrando entre hymnos de glorias, aquelles que trabalharam para nossa grandeza espirital.

E, aproveitando o ensejo, por que esta festa é de maranhense, sinto-me alegre e feliz por ver que nem tudo se ha perdido, que ainda perdura uma restea de amor ás glorias literarias do Maranhão, restea guardada no relicario das almas entusiastas dos que vão bebendo saber nas ensinamentos dos Mestres—a mocidade—.

E, como moço, dirijo-me aos moços de minha terra:—Precisamos reagir tenazmente contra esta ataraxia que nos domina e alçarmos bem alto, nas cumiadas alvacentas do Templo da Vontade, o vexillum verde de esperança e amor desthronando o estandarte esfrangalhado das idéas tabidas e anachronicas, entre hymnarios de paz e de concordia.

Sejamos os gonfolineiros invenciveis do dia de amanhã, trabalhemos para lutar contra a euthymia que nos suffoca e, sem envergar a tunica grega de visionarios, tornemo-nos atalayas alertas do futuro em demanda de uma nova *Hellade* de luz e de amor.

(3) *Discurso* (improvisado) na Apotheose que a imprensa do Porto fez a Victor Hugo 1887.—Pag. 5.

(4) *Curso de Litteratura Portugueza-Brazileira*—FRANCISCO SOTERO DOS REIS. Pag. 40.

Palpite eternamente, nas ameias do nosso pensamento, nas doudas revoadas dos nossos sonhos, a saudade imperecível do dia de hoje—o rosicler de uma aurora de esperança, de prosperidade e de vida para a *Athenas Brasileira*—a consagração de GONÇALVES DIAS no coração da mocidade maranhense.

3 de Novembro 904.

HERMILIO PEREIRA.

(Da *Oficina dos Novos*).

Gonçalves Dias

Glorificar ao insigne poeta maranhense, que cantou as bellezas da nossa terra, é render homenagem ao talento fecundo que mais elevou o nome brasileiro no mundo das lettras.

As suas poesias que se tornaram populares em todos os recantos do Brazil, também atravessaram o oceano e se tornaram apreciadas em diversos paizes da culta Europa.

Mas o illustre filho da nossa princeza do sertão, não foi somente um poeta exímio, numerosas produções que deixou em prosa, mostram que elle era um cultor impecavel da forma, conhecedor profundo da nossa lingua.

Bem haja, pois, a lembrança patriotica de testemunhar uma divida de gratidão a maior gloria da poesia nacional.

Por essas manifestações de alevantado civismo é que os povos se engrandecem, demonstrando que sabem zelar as suas grandezas Moraes e intellectuaes, não só perpetuando-as na memoria da geração coeva, como apontando-as á veneration dos posterios.

O 3 de Novembro que lembra o desaparecimento do immortal autor da «Canção do exilio», vae ser commemorado desta vez com as manifestações calorosas da saudade profunda de uma população inteira.

Sublime a idéa !

Honra aos promotores dessas festas commemorativas, ás quaes me associo com toda effusão d'alma.

TASSO COELHO.



MAXIMO FERREIRA

Gonçalves Dias

Poeta ! dormes no Azul, no Azul teu genio brilha.
Do carcere sem luz da terra, enfim liberto,
Entre estrellas, no Além, de Deus descansas perto,
Tu, cujo verso o mundo inteiro maravilha.

Dormes com os astros, onde a luminosa trilha
Da via-lactea fulge, além no céu que aberto
Por sobre a terra escura e triste qual deserto,
A' noite a lua meiga e pallida palmilha.

Longe do mundo, lá, na região etherea,
Confundem-se o teu brilho intenso e a luz siderea,
E gosas da outra vida a ventura suprema.

D'aqui do pó, cantor sublime, resplendendo
De gloria, para o Azul subiste, á fronte tendo
De auroras e de sóes um fulgido diadema.

MAXIMO FERREIRA.



CRISTINA SANTOS PEREIRA

O Poeta

Morreu no turbilhão das ondas enfunadas, tendo por tumulto o seio profundo do oceano revolto.

.....

Vive na admiração extactica do mundo intellectual, tendo por altar o céu da Gloria constellado de estrophes e de hymnos.

3 de Novembro de 1904.

CRISTINA SANTOS PEREIRA.

Reminiscencia

Foi no anno de 1860, se me não falha a memoria.

Eu estava nos meus dez annos e frequentava uma escola de primeiras lettras na legendaria Caxias, a heroica cidade que resistiu aos impetos bellicosos de Fidié, na independencia e deu, na balaiada, ao general Luiz Alves de Lima e Silva nome ao titulo nobiliarchico que elle tanto soube honrar e distinguir.

Lembro-me que n'um día d'aquelle anno aportara na cidade um moço de cabellos fartos, tez mo ena, olhos meigos, semblante contemplativo.

Compacta multidão o aguardava e, por entre as expansões effusivas, que a todos se communicavam, o vi transpor as ruas despendendo gentilmente gestos attenciosos, sorrisos benevolos á massa curiosa que á passagem attenta o contemplava.

Gonçalves Dias chegara á terra querida e vinha abraçar a estremecida mãe, residente em uma casa modesta, cujo aspecto se me gravou na memoria, como desta não mais sahiram os traços physionomicos do grande lyrico.

Sem intuição da grandeza d'aquelle acto, sem o comprehender mesmo, impressionando-me apenas as emoções que a effusão d'aquella manifestação despertava em minha alma de creança, sem outra preocupação que a da curiosidade infantil, longe estava o meu espirito, ainda inculto, de apreciar o valor d'aquella apothese feita por conterraneos ao cantor dos Tymbiras, ao creador do indianismo romantico, como bem o affirma José Verissimo, ao que sagrou, em poemas sublimes, os descendentes dos primitivos incolas de nossa patria e ao que vinha de fundar uma nova litteratura e crear uma escola com todas as propriedades do seu doce lyrismo, accentuado pela naturalidade com que o seu fecundissimo ingenho deu ás «poesias americanas» todos os tons da nossa incomparavel natureza.

E Gonçalves Dias soube aproveitar para os seus versos os quadros lindissimos da sua terra, as paisagens adoraveis das nossas florestas, onde tudo é poesia e amor.

I. Gomes de Amorim, referindo-se um dia ao Brasil e os seus poetas, exprimiu-se por esta encantadora forma, que tem toda relação com o estro do nosso mavioso poeta:

«Além do Atlantico resoam os canticos juvenis dos trovadores de Santa Cruz, cujas harpas se animam e incitam bafejadas pelos suaves perfumes das patrias selvas.

«Lá brotam os talentos como as flores e sob aquelle céu de fogo só o corpo e a palavra são por vezes indolentes.

A intelligencia nasce espontanea e brilha como os astros do hemispherio austral, cuja luz reflecte.

«Lá não se conhece a descrença, porque os homens e as cousas não tiveram tempo de envelhecer; os annos passam quasi impunemente pelos individuos; passam sobre os corpos, mas não tocam nas cabeças. As idéas são novas, fecundas e viçosas como os homens e as cousas.

«As lyras que Grecia e Roma penduravam nos templos da Fama coroadas de myrto e louro, ergue-as o Brasil nas arvores aromaticas das suas virgens florestas, que são os templos da verdadeira poesia e enfeita-as com as açucenas e os jasmims dos seus matts e com as rosas dos seus cajueiros».

Comprehendendo o valor da sagração que um grupo de jovens ardentes

de amor pelas lettras patrias vem de fazer á memoria do primeiro poeta brasileiro, no quatrogésimo anno de sua tragica morte, venho trazer á ardorosa pleiade que d'ella se encarregou os protestos de minha admiração por essa commemoração que synthetiza o mais elevado sentimento de uma época: preito á memoria dos seus homens illustres.

Barra do Corda.

FREDERICO FIGUEIRA.

(Redactor d'*O Norte*).

Gonçalves Dias

Certo que não morreu. Na realidade,
Embora o corpo seu descesse ao Nada,
Vive sua alma palpitante em cada
Estrophe que legou á humanidade.

Ainda ouço a vibrar, na immensidade,
A lyra do Brazil mais afinada :
—Ora cantos risonhõs, de alvorada,
Ora sentidos cantos, de saudade.

Como se fôra terno passarinho
Que canta, que soluça espaço em fóra
E recolhe silente ao pobre ninho,

Elle nos mares afinal descança !
Dorme, poeta, á casta luz da aurora,
Que o teu nome nos vive na lembrança.

AGOSTINHO REIS.

(Da *Officina dos Novos*).

Gonçalves Dias

PELO 40º ANNIVERSARIO DA SUA MORTE

Primeiro ouviu-lhe a voz, a vida lhe sentiu
A fronte verde e bella, o verde palmeiral,
O cêdro antigo, enorme... E tudo lhe sorriu.

De cada ramo—em flôr, ridente, divinal—
Os lêdos sabiás, os bemditos cantores
Desferem cantos mil ao genio magistral.

E qual um Christo novo em meio os dissabores
Elle, sereno e manso, ao mesmo tempo—forte,
Alteia immenso vôo, assim como os Condores !

E váe... e beija o Azul... e divinisa o Norte...
E váe... mais alto vôa a golpes de talento
—Santa Aguia Americana—avolumando o porte !

Assim, desponta o Sól e, calmo e lindo e lento,
Galga o seio do Céu... e, luminoso e branco,
Campeia terra e mar, campeia o Firmamento !

* *
*

Luzeiro do Brazil garbosamente franco,
Eterno fôco acceso em guia á Mocidade
—Divino o teu bemdito e luminoso arranco !

Bemdito o nome teu, bemdita a magestade
Desse eterno faról, que triumphal se alteia
E canta o mundo inteiro e canta a humanidade
E vale uma ballada... e vale uma epopeia !

Bahia.

JOÃO RODRIGUES.



VESPASIANO RAMOS

Gonçalves Dias

Forte, bello, altaneiro, assim como os condores,
O sonho de subir fulgia-lhe na mente,
Como um sol reflectindo os raios de mil cores
Nas águas de crystal de uma pura corrente !

Altivo sonhador entre os mais sonhadores,
Do espirito arrancou a aeronave fulgente,
Que havia de escondel-o entre estrellas e flores
Levando-o pelo eterno azul resplandescente !

E assim, ao sol da rima, o sonhador, deixando
Para sempre este pó de negros desenganos,
Ennobrecendo a Patria, enriquecendo a Historia,

Partiu, aguia do Verso, entre versos, cantando,
Na aeronave de luz, que vive, ha quarenta annos,
Errando, na amplidão dos páramos da Gloria !

VESPASIANO RAMOS.

(Da *Officina dos Novos*).

Gonçalves Dias

(Lendo uma pagina de Celso Magalhães)

O oceano é verde e immenso. As ondas frias
 —Como essas nuvens tumidas que rolam
 Na turqueza vastissima
 E concava do espaço,
 Que é outro oceano, salpicado de ouro,—
 Correm, sorrindo, e, a um beijo, são espumas
 —Lãs de ovelhinhas, alvas, transparentes,
 Ou brancas plumas de formosas garças,
 Boiando sobre as águas. . .
 Tudo é deserto : a vaga somnolenta
 Rola, boceja e se espreguiça e dorme.
 Raras vezes um passaro apparece
 Voando pelo azul, e raramente
 Vé-se uma vela pelo azul voando. . .

Olhae ao Sul, olhae. . . Não vêdes o Eden
 Emergindo das perolas nitentes ?
 E com reflexos vivos
 De rosa e de saphiras,
 De perfume e de opalas ?
 —E' o Brazil !... Penetrae no Paraíso :
 Aqui, vêdes um rio de alabastro,
 Ali—uma floresta de esmeralda,
 Além—passaros de ouro esvoaçando,
 Mais longe—o Bello, a Graça... a Immensidade !
 Entrae ainda : ha deusas magestosas
 Vinte donzellas brancas,
 Ternas como um gorgeio,
 A cujo olhar glorioso e scintillante
 O sol empallidece !

Trazem nos seios uma cruz—a Crença,
 Nas mãos uma bandeira—a Liberdade,
 Na frente—a Inspiração, em Via-lactea,
 E, aberto em rosa, o Amor, pelos cabellos...
 D'entre essas virgens uma se destaca
 Pela flor da belleza, entrelaçada
 Maravilhosamente
 A' aurora da opulencia :
 Representa a Poesia, a Luz, a Gloria,
 —A Terra Maranhense !... Traz um manto
 Que o Infinito resume, e um diadema
 Cheio de pedrarias e de incendios,
 Destacando-se um magico diamante,
 Cujos esplendor se eleva á Immensidade ! . .

Essa pedra é o genial Gonçalves Dias !...

COSTA GOMES.

(Da *Officina dos Novos*!).

Poeta

(A' MEMORIA DE GONÇALVES DIAS)

Navego em pleno azul, em pleno céu navego
n'areonave idéal d'um sonho côr de rosa.
Nesta marcha veloz, incerta e magestosa
confiante no futuro, á lucta audaz m'entrego.

Sondo co'a vista minha deslumbrada o pégo
onde os mortaes rastêjam. Vejo a esplendorosa...
a grande maravilha—essa onda luminosa
d'estrellas, de astros mil, de sóes que eu não renego.

Sinto-me bem no azul, sinto-me grande e forte.
Tenho forças herculeas p'ra vencer a morte,
p'ra correr, para voar em busca do infinito.

Nada me prende aqui—Sou livre... Livre mesmo.
Como as aguias do céu também divago a êsmo.
Como poeta, meu Deus, eu também sou bendicto.

LUIZ LIMA.



CORRÊA DE ARAUJO

A Gonçalves Dias

Mestre! Se o Genio—o derradeiro facho
 Qu'inda illumina as podridões coevas
 Treme e agonisa como um sol debaixo
 Dêsse montão de trevas;
 Se o Espirito das Alturas rola
 Como um astro cahindo d'amplidão;
 Ha uma aurora que do cahos se evola
 Ha inda um raio n'essa escuridão!
 Alguem que a Mão astral do Azul estende
 E entre harmonias triumphaes suspende
 Essa estrella do chão.

Sim! p'r'a investir a escuridão que invade
 N'um furioso e indomito galope,
 Ha a fulva e estupenda claridade
 Dos olhos gigantesco d'um cyclope.
 E vemos em vivissimos transportes
 Se encher de brilhos nosso peito nú;
 Mestre adorado! e nos sentimos fortes
 Pois essa luz, esse cyclope, és tú.

E ao ver-te perto a mocidade acorda
 E enfeixando os seus canticos risonhos,
 Sobe no goso que de si transborda
 As escadas d'estrellas de seus sonhos;

Sobe arrastando entre clarões enormes,
Nimbos, corôas, bronzes, alabastros,
Para o mundo doirado onde tú dormes
Entre destroços de astros;

Se amparando ao teu braço, na loucura
Divina das titanicas idéas;
Vem triumphante pela noite escura
Derramar alvoradas e epopéas;
Vem—auroral pyramide da Crença
Ajoelhar-se em gestos commovidos,
Ante a tua Obra—essa montanha immensa
Coberta de gemidos.
E atraz cantando uma canção gigante
Vem tambem por-se o povo ajoelhado,
Humilde diante de teus olhos diante
De teu vulto de heróe santificado;
E entre o fulgor que em derredor expande
Beija-te a fronte luminosa e san,
Beija-te o busto aureolado e grande
Tal um titan beijando outro titan.

Tú não morres ! embalde moribundo
Tomba o sec'lo dos cimos immortaes...
Quem escreve um poema cria um mundo
E um mundo nunca se aniquilla mais:

Teus brilhos inda não se interromperam
Que a luz da tua aureola não finda;
E's como os sóes que ha muito já morreram
Mas cuja luz podemos ver ainda.

Na nossa juvenil litteratura
—Embryonario mundo immorredoiro,
Que nos teus hombros collossaes fulgura,
Meigo gigante loiro !
Nimbados d'um fulgor aureo e estupendo,
Teus versos ficarão resplandecendo,
Como montanhas d'oiro.

Tua Obra ficará eterna e bella !
Nem o tufão dos seculos abate-a !
E dormes entre os resplandores della,
Tal um Deus sacratissimo que pelas
Nuvens, exausto de fazer estrellas,
Adormecesse sobre a Via-Lactea.

CORRÊA DE ARAUJO.

(Da *Officina dos Novos*).

Apotheose

Desde a hora fatal que, a malsinada
meiga Eloah, seguindo o seductor
Archango mau, rebelde e trahidor,
foi com elle no Abysmo arremessada,

que nunca mais na Celica Morada,
na Divina Mansão do Creador,
em profunda tristeza mergulhada
repercutiam canticos de amor.

Um dia Jehovah, dessa tristeza
entendeu-libertar-se e com grandeza
quiz o Empyreo cheio de Harmonias.

Porem, onde encontral-as com prestesa ?
Subito chama aos céos Gonçalves Dias,
o Bardo divinal das Melodias !

Maranhão, 3—11—904.

G. DOS REIS.

Gonçalves Dias

Onorate l'altissimo poeta

DANTE—*Inf.*—Canto IV



E. J. D'ALBUQUERQUE MELLO

La Atenas brasileña está hoy toda en fiestas.

Dominado en este momento por un ideal supremo, el Maranhão se alza todo lleno de un inmenso y sincero júbilo, para con legítimo orgullo, glorificar en este tan memorable día el hijo bien amado, el más grande poeta brasileño, el mayor lírico de la América latina, el nuestro inmortal Gonçalves Dias.

Los cultos marañenses, los intelectuales de mi tierra natal, contemplando en sus miradas, llenas de respeto, de admiración y de amor, los bultos grandiosos que duermen el sueño eterno en el seno de la Patria, renden hoy el justo, el debido homenaje á la gloria estupenda del renombrado—Cantor de los *Tymbiras*.

Dos fechas principalmente san memorabilísimas en la historia de la Poesía de la Atenas brasileña:—el 10 de Agosto y el 3 de Noviembre—.

En la primera nació y en la segunda murió Gonçalves Dias.

Y en el grande libro de esa Historia que el pasado escribiera y el presente lee en sus páginas luminosas, hallamos señaladas una á una las eternas conquistas del Genio en medio de las luchas del eterno porvenir.

Realizadas en esta fecha memorable, todas estas fiestas artísticas traducen muy altamente no sólo el nuestro patriotismo, mas también la continuación, por así decir, de un movimiento fecundo entre la nueva generación de mi tierra natal en favor del renacimiento del gusto literario.

Y así... grandiosas, inponentes, ellas sintetizan el nuestro sincero amor, la nuestra profunda admiración que vay á tocar hasta el feticismo por las Letras y por Las Artes de la querida Patria, lo que tanto vale como decir que es este el gran y único pensamiento de todos nosotros hijos de esta—«cultura intelectual Cuidad».

Invitado algunos días hace para escribir este artículo, lo hice con la más viva satisfacción, puesque cuando se trata del Arte literario, mi alma siente la expansión de los que saben expresar el Arte mismo, ya que este es la más sublime manifestación de la inteligencia humana.

Pero escribiendo hoy bajo el auspicio de viva simpatía y de sincera amistad para con los distinguidos caballeros, miembros de la Comisión Central de las Fiestas en homenaje rendido al nuestro inmortal Gonçalves Dias, he tenido á gala escoger la lengua castellana entre las demás que hablo y escribo.

Semejante conmetimiento de mi pluma no revela saber, es simplemente osadía.

Sin embargo, dejad que yo—hijo también de esta Atenas brasileña—trayendo en mi corazón el gran entusiasmo despertado por las rosadas alboradas de este memorable día, os hable, os escriba en esta lengua castellana

misma, sin duda, una de las más ricas, más sonoras y más hermosas del mundo, para apreciar, aunque á vuelo de pajar, el sublime Genio de la poesia de mi tierra natal, personificado en el inmortal Gonçalves Dias.

Sus obras primorosas, sus cantos tan bellos, tan difundidos, tan populares que todos leen siempre, aprendiendolos de memoria, gracias á las dulces y tiernas impresiones, á la admiración entusiasta que ellos despiertan en medio de los esplendores mismos de la imaginación; sus versos siempre bellos y liricos en la forma, sencillos pero profundos y inspirados en el pensamiento, hicieron más alta, más grandiosa, más estupenda su fama bajo la cual él es considerado el más grande poeta brasileño.

Así admirado en una casi religiosa actitud por todos cuantos adoran el culto de las Letras y de las Artes, por todos los intelectuales de este inmenso territorio que se extiende desde el Amazonas hasta el Plata, el renombrado cantor de *Marabá* es hasta el presente día la figura más distinguida y más eminente de la poesia lirica de mi querida Patria.

Su originalidad está principalmente en el apego que él revela en sus paginas sublimes al terruño nativo, al suyo Maranhão, patria tambien de todos nosotros hijos de esta tierra ilustre de las susurrantes palmeras tan primorosamente cantadas por él.

Puesque yo mismo hé sido llamado á traer acá esta modesta contribución de mi pluma, preferí, sacando fuerzas de mi flaqueza, escribir hoy en español mismo, ya que mis palabras, se dirijen especialmente á más de uno de los cultísimos pueblos, los cuales por su origen y tradición hablan, en esta parte de America, la misma lengua que se habla en la hidalga patria de Zorrilla y de Calderon de la Barca.

Bajo esta idea, pensé rendir, tambien yo, un grato homenaje al valiente escritor, renombrado poeta y distinguido diplomata argentino Señor. Martin Garcia Merou, reproduciendo acá, con el debido permiso, su bella traducción de la *Canción del Exilio*.

Ojamos el genial poeta brasileño tan bien interpretado por el inspirado cultor de las letras platinas:

«Mi tierra tiene palmeras,
donde canta el sabiá;
las aves que aquí gorjean
no gorjean como allá:

«tiene en su cielo más luces;
tiene en sus prados mas flores,
tiene en sus bosques mas vida
y en su vida más amores.

«Pensando sólo en la noche
mas placer encontró allá;
mi tierra tiene palmeras
donde canta el sabiá;

«Mi tierra tiene primores
que no hallo iguales acá;
pensando sólo en la noche
más placer encuentro allá

«mi tierra tiene palmeras
donde canta el sabiá;
no permita Dios que muera
sin poder volver allá.

«Sin que goce los primores
que no hallo iguales acá
sin que aun vea las palmeras
donde canta el sabiá».

«Que brasileño no ha repetido mil veces ese tierno recuerdo, en que se asocia con candor la naturaleza de la Patria lejana?»

«Gonçalves Dias tenia el arte de armonisar así, su lira, á las palpitaciones del corazón en sus ingenuidades íntimas».

«Era á la vez sencillo y profundo».

«Describe sus paisajes á la luz tropical en que parece encenderse su inspiración, ya arrebatada ya dulcisima».

«No imitó á nadie».

«Es genuinamente de su tierra y las palmeras que figuran en sus cantos habian susurrado de placer al darle alguna de sus ramas, simbolo de la inmortalidad».

Si, todas esas estrofas tan sencillas pero sublimes de la *Canción del Exilio*, todos las conocen, todos las saben, yá que recitandolas unas veces y cantandolas otras, ellas san aprendidas de memoria; y desde los salones hasta las escuelas señoritas y niños, repetindolas, hacen que va siempre creciendo su popularidad ya tan grande, gracias á su dulce y tierno lirismo y sobre todo por la melancolica emoción que ellas vibran en el alma popular.

De ellas mismas ya dice un ilustrado critico brasileño, (*) que «si como los Hebreos nosotros hubieramos de perder nuestra Patria, nuestro canto de destierro estaba hecho: seria la *Canción del Exilio*».

En esta hecha memorable las fiestas realizadas en rendido homenaje al inmortal cantor de y—Juca—Pirama, constituen una prueba elocuentisima de que se ha continuado la obra de iniciación de un movimiento algo grandioso y fecundo en favor del renacimiento literario de la Atenas Brasileña.

«Atenas Brasileña!»

«Si, Maranhão lo ha sido por muchos años y lo es aun».

Nuestros hombres de letras—prosadores y poetas—no quedan más en el limitado espacio de este grande país, conocido en el mapa de las naciones, bajo el nombre de—Brazil—y la variedad y valor real de su producción literaria tiene ya transpuesto sus fronteras, gracias á los esplendidos estudios, á las belisimas traducciones de Garcia Merou, por medio de las cuales los lectores argentinos sobre todo y los demás de las otras republicas del Centro y del Sud-America pudieron trabar conocimiento con los escritores brasileños cuyas obras pasaban hasta entonces casi inapercibidas, de lo mismo modo que ellos trabaron conocimiento con los poetas y prosadores de esta «cultá è intelectual ciudad» gracias á los invidiables esfuerzos, al reconocido patriotismo del nuestro querido compatriota Snr. Francisco Guimarães «el distinguido caballero brasileno».

No es menester decir mucho para mostrar cuanto es honroso para nosotros este conocimiento; él es una obra grandiosa, de un merito estuendo que sin duda hace mucha honra al honor mismo de los dos valientes propagandistas.

Sencillo amator del Arte literario no he podido ser indiferente á la generosa y patriótica iniciativa de las Fiestas, que en esta «cultá è intelectual ciudad» misma se realizan hoy para rendir el debido homenaje al inmortal Poeta que conmemoramos.

Delante de todos los que honran altisimamente al Maranhão, juzgo tener correspondido á la delicada caballerosidad de los distinguidos miembros

(*) JOSÉ VERISSIMO.

de la Comisión Central de las mismas Fiestas, invitandome a trazar acá esta modesta contribución de mi pluma.

Y tu ó Maranhão—patria ilustre y renombrada del inmortal Gonçalves Dias—que, en medio de los esplendores de estas fiestas, te sientes á la vez feliz y orgulhoso de tu hijo querido, en este tan memorable dia, mira, ó mi querida Patria, como me siento feliz y orgulloso tambien yo por haber podido con los aprestos de mi oscura inteligencia honrar, una vez más la tuya siempre honrada fama.

E—J—D'ALBUQUERQUE MELLO.

Maranhão, Novembro 1904.

CULTO CIVICO



J. ALFREDO FERNANDES

Ainda para os espiritos mais atilados e argutos tem o Destino segredos e mysterios, pois a sciencia não fornece ao homem os elementos necessarios ao conhecimento exacto de todas as leis que regem os phenomenos sociologicos.

Do desconhecimento de muitas dessas leis se originam as grandes surpresas que, não raro, assombram os povos.

Está neste caso, entre nós, o grande festival de glorificação a Gonçalves Dias, o poeta genial da nossa raça.

Em quanto muitos, afirmando ser extemporanea a idéa dessa glorificação, inquiriam das razões porque a promoviam, como que obedecendo a uma occulta força, todos vinham espontaneamente trazer o seu concurso á realisação do pomposo festival.

Entretanto nenhum dos promotores dessa grande manifestação publica, constituidos em commissão central, dispõem do prestigio e influencia conferidos pela riqueza ou pela posse de elevada posição official.

Um pequeno grupo de moços conhecedores dos esforços por nós empregados para a iniciação do culto civico, nesta terra, tendo por objecto Gonçalves Dias, nos convidaram a tomar parte nessa empresa,—eis a commissão central.

E' que a idéa se desenvolvera no espirito e conquistara grande numero de adeptos. O culto civico é, pois, uma realidade em nossa terra.

O grande festival agora realiado marca o inicio de uma nova era mais consentanea com o grau de civilisação da sociedade actual.

Proclamando altisonantemente, na linguagem insinuante e commovedora do Verso, as nobres qualidades desconhecidas da raça brasilica, Gonçalves Dias assume as grandes proporções de um redemptor verdadeiramente sublime de sua raça, que a ignorancia e a feroz cupidez do europeu cobria de estigmas deprimentes e vergonhosos baldões perante a consciencia universal.

Elle salvou o nome de seu povo do labeo infamante da Historia, porque a tyrannia civilisada havia invertido os papeis.

A raça oppressora justificava o seu grande crime de aniquilamento da raça opprimida, apresentando-a aos olhos do mundo como perversa e feroz.

São estes vultos extraordinarios, aureolados da luz da Gloria, da Verdade, do Direito e da Justiça, os grandes santos da nova era.

E' o culto que illustra, moralisa, engrandece e edifica o povo.

Bem haja esse novo culto.

Feliz a geração que se levanta.

Gloria eterna a Gonçalves Dias, nosso cantor divinal !

J. ALFREDO FERNANDES.

Adhesões

Commissão Glorificadora Gonçalves Dias.

Maranhão.

Rio, 24 Outubro.

A' memoria do grande poeta Gonçalves Dias, cujas obras illustram a litteratura nacional, presta homenagem da mais sincera admiração

Rodrigues Alves,

Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil.

—Portugal, onde o grande poeta Gonçalves Dias passou tão bons momentos da sua juventude, não pode deixar de tomar parte nas justas homenagens que o seu Estado natal lhe vai tributar. Em nome, pois, do meu paiz, tenho a honra de associar-me de coração ao preito que vai ser prestado ao eminente poeta maranhense.

Camello Lampreia,

Ministro de Portugal.

—Ao immortal Gonçalves Dias o testemunho de nossa admiração.

Afonso Penna, Presidente do Senado.—Paes de Carvalho, Justo Chermont, Manuel Barata, Nogueira Paranaguá, General Pires Ferreira, João Cordeiro, Ferreira Chaves, Almeida Barreto, Rosa e Silva, Gonçalves Ferreira, Manuel Duarte, Bernardo Antonio de Mendonça Sobrinho, Olympio de Campos, Coelho e Campos, Martinho Garcez, Ruy Barbosa, Dr. Arthur Rios, Virgilio Damasio, Luis Siqueira da Silva Lima, Muniz Freire, Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, Manuel Martins Torres, Lourenço Baptista, Lauro Sodré, Barata Ribeiro, Thomaz Delphino, Felicianno Penna, Lopes Chaves, Francisco Glycerio, Alfredo Ellis, Monsenhor Alberto Gonçalves, Brazilio Ferreira da Luz, Felipe Schmidt, Gustavo Richard, Hercilio Pedro da Luz, Pinheiro Machado, Julio Frota, Joaquim Murtinho, José Maria Metello, Antonio Azeredo, José Joaquim de Souza, Urbano de Gouveia, A. O. Gomes de Castro, Benedicto Leite e Belfort Vieira.

—Tendo noticia de que se prepara commemoração solemne em 3 de Novembro, quadragessimo anniversario da morte de Gonçalves Dias, apressome em levar-lhes os meus calorosos applausos pela iniciativa da glorificação publica do grande poeta brasileiro.

Alegro-me em assistir á consagração merecida das obras puramente litterarias, que tanto como as outras produções do talento e do saber, dão a medida da cultura nacional. A celebração da memoria dos grandes escriptores dá prova do adiantamento intellectual e moral.

E a iniciativa da que se projecta, cobra-a de direito o Maranhão, que tem a honrar e a considerar a erudição gloriosa de tantos maranhenses que se illustraram nas letras.

Tenho o prazer de apresentar-lhes sinceras felicitações por essa nobre homenagem, á qual de coração me associo.

J. J. Seabra,

Ministro do Interior.

—Associo-me á justa homenagem prestada pela gratidão dos maranhenses á memoria de um dos mais puros corações e dos mais eminentes espiritos que constituem a melhor da nossa Patria, o inolvidavel poeta Gonçalves Dias.

Saudações !

Marechal *Argollo*,

Ministro da Guerra.

—Associo-me com effusão ás homenagens que prestaes ao immortal Gonçalves Dias.

Lauro Muller,

Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas.

—Saudando o glorioso berço do excelso cantor d'Os *Tymbiras* por occasião do 40º anniversario do seu luctuoso trespasse, associo-me com jubilo á justa commemoração, rendendo em nome desta cidade subida homenagem ao genio redivivo e insigne formador do patrimonio intellectual de nossa Patria.

Francisco Pereira Passos,

Prefeito do Districto Federal.

—O Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro associa-se vivamente á commemoração do 40º anniversario da morte do inolvidavel poeta Gonçalves Dias, adherindo á brilhante homenagem ao grande epico brasileiro.

A directoria.

—O Club Naval associa-se ás festivas homenagens que prestaes ao inspirado cantor das grandezas da nossa terra.

Carlos Noronha,

Secretário.

—O Club Militar, em sessão da Directoria, rezolveu associar-se á Commissão Glorificadora de Gonçalves Dias nas manifestações pelo anniversario do fallecimento desse genio, que conquistou a immortalidade para o seu nome.

Pela Directoria, General *Leite de Castro*,

Presidente.

—Os Ministros do Superior Tribunal Federal, abaixo assignados, tributam á memoria de Gonçalves Dias homenagem de sincera admiração.

O. H. de Aquino e Castro, Piza e Almeida, Macedo Soares, Lucio de Mendonça, Alberto Torres, H. do E. Santos, Manuel Murtinho, André Cavalcante, Epitacio Pessoa, Pindabyba de Mattos, João Pedro.

—Associamo-nos á honrosa commemoração do immortal cantor dos «*Tymbiras*».

Rodolpho Bernardelli—Director da Escola Nacional de Bellas Artes.

Henrique Oswaldo—Director do Instituto Nacional de Musica.

—Na qualidade de Presidente do Conselho Municipal do Districto Federal, associo-me com desvanecimento ás homenagens que ahi vão ser prestadas ao immortal poeta Gonçalves Dias, cujo nome, padrão de gloria da nossa patria, já tem recebido condignas consagrações na capital da Republica.

Francisco Silveira.

—E' justo que o meu Maranhão muito amado glorifique aquelle que todo-lhe pertence: pelo corpo á terra-berço e ao mar-tumulo, e pelo espirito á sua gloriosa historia literaria.

Coêlho Netto.

(Da Academia de Letras).

—Os membros da bancada maranhense, no Senado e na Camara, têm orgulho em representar, no seio do Congresso Nacional, a terra de Gonçalves Dias.

A. O. Gomes de Castro, Benedicto Leite, Belfort Vieira, Urbano Santos, Guedelha Mourão, José Euzebio, Luiz Domingues, Christino Cruz, F. Cunha Machado.

—Os representantes da Nação, na Camara dos Deputados, rendem á memoria de Gonçalves Dias o preito de sua veneração.

Julio de Mello, presidente interino; Alencar Guimarães, 1º secretario; Thomaz Accioly, 2º secretario; Joaquim Pires, 4º secretario; Cassiano do Nascimento, Aurelio Amorim, Sá Peixoto, Enéas Martins, Arthur Lemos, Hosannah de Oliveira, Indio do Brazil, Antonio Passos Miranda, Rogerio de Miranda, Carlos de Novaes, Raimundo Arthur, João Gayoso, Anizio de Abreu, Sergio Saboya, Gonçalves Souto, Francisco Sá, Eduardo Studart, João Lopes, Frederico Borges, Thomaz Cavalcanti, Bezerril Fontenelli, Eloy de Souza, Alberto Maranhão, Fonseca e Silva, Ferreira Reis, Izidio Leite, Paula e Silva, Abdon Milanez, Teixeira de Sá, Cornelio da Fonseca, Malaquias Gonçalves, João Vieira, Moreira Alves, Elpidio Figueiredo, Bricio Filho, Affonso Costa, Estacio Coimbra, Pedro Pernambuco, Celso de Souza, Medeiros de Albuquerque, Pereira e Lyra, Raymundo de Miranda, Euzebio de Andrade, Arroxellas Galvão, Epaminondas Gracindo, Rodrigues Doria, Felisbello Freire, Vergne de Abreu, Alves Barbosa, Garcia Pires, Sá Neiva, Paranhos Montenegro, Castro Rebello, Eugenio Tourinho, Satyro Dias, Prisco Paraíso, Bulcão Vianna, Felix Gaspar, Domingos Guimarães, Ignacio Tosta, Saldanha, Augusto de Freitas, Leovegildo Filgueiras, José Monjardim, Galdino Loreto, Bernardo Horta, Moreira Gomes, Heredia de Sá, Correia Dutra, Americo Albuquerque, Irineu Machado, Nelson de Vasconcellos, Pereira Lima, Mauricio de Abreu, Curvello Cavalcante, Laurindo Pita, Carlos Teixeira Brandão, João Baptista, Julio Santos, Belizario Augusto Soares Souza, Henrique Borges Monteiro, Alberto Bezamat, Francisco Veiga, Wenceslau Braz, Lamounier Godofredo, Gastão da Cunha, Calogeras, Estevam Lobo, Carvalho Britto, Adalberto Ferraz, Lindolfo Caetano, José Bento Nogueira, David Campista, Antero Botelho, Olegario Maciel, Fernando Freitas, A. Candido Rodrigues, Moreira da Silva, Francisco Malta, Francisco Ferreira Braga, Hermenegildo de Moraes, João Luiz, Teixeira Brandão, Bernardo de Campos, Lindolpho Serra, Benedicto de Souza, Costa Netto, Carlos Calvalcanti, Paula Ramos, Elizeu Guilherme, Abdon Baptista, James Darcy, Victorino Monteiro, Vespasiano de Albuquerque, Diogo Fortuna, Juvenal Miller, Soares dos Santos, Barbosa Lima, Marçal de Escobar, Homem de Carvalho, Rivadavia Correia, José Euzebio, Urbano Santos, Luiz Domingues, Cunha Machado, Guedelha Mourão, Christino Cruz e Dias Vieira.

—Tenho a honra de scientificar a V. Exc. de que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em sessão de hontem, por unanimidade de votos, deliberou associar-se ás manifestações que na capital do Maranhão, a 3 Novembro proximo vindouro, se realizarão em honra á memoria do preclaro brasileiro Gonçalves Dias e tambem um dos mais distinctos membros desta associação.

Henri Raffard,

1º Secretario.

—Os maranhenses residentes no Rio de Janeiro, applaudindo francamente a idéa que tivestes de commemorar o 40º anniversario da morte do grande poeta Gonçalves Dias, vêm por este meio trazer-vos o concurso de sua adhesão a tão edificante iniciativa, prestando ao mesmo tempo á memoria desse inolvidavel Brasileiro o tributo de suas homenagens.

Raimundo Corrêa, Luis Fernandes, Joaquim Jansen de Faria, José Pedro Alves de Barros, Arthur Eduardo Pereira, Cyrillo Bernardino Fernandes, Raimundo F. da Rocha Junior, Dr. Aristides Pereira da Silva, Diogo Cupertino de Freitas, Antonio Rodrigues Pinheiro Barreiros, Raimundo José Vieira da Silva, Dr. Alves de Barros, Alfredo de Moraes Rego, Theodoro Lopes de Abreu Sobrinho, Barão de Penalva, Antonio Rôxo, Augusto Barros, Eduardo Martins Trindade, Dr. José Eulalio, Dr. Bayma do Lago, Othon Bulhão, Bernardino Vieira de Lima, Antonio Fernandes Vieira, Dr. Luiz Jansen de Mello, Dr. Ennes de Souza, Manuel Corrêa do Lago, João Baptista dos Santos Dias, Alexandre Henrique Vieira Leal, Major Gomes de Castro, Viveiros de Castro, Joaquim da Costa Barradas, Raul Raposo Barradas, José Raimundo do Lago, Fabio Hostilio de Moraes Rego, Marianno Cerveira, Padre Sève, João Antonio Coqueiro, Edmundo Coqueiro, Onezimo Coelho, Padre Arthur Cezar da Rocha, Pinheiro Costa, Dr. Antonio de Carvalho Palhano, Serafim Boguia, Galdino Rocha, Horacio Reis, Hemeterio José dos Santos, Verissimo Ricardo Vieira, Manoel da Silva Couto, João das Chagas Pereira de Britto, Adolpho Domingos de Vasconcellos, José Pereira da Graça Couto, Joaquim Torquato Soares da Camara, Benedicto Marcellino de Araujo, Clovis Vieira, Joaquim Vieira da Silva, Luis Vieira da Silva Netto, Henrique Couto Fernandes, Miguel Furtado Bacellar, José Antonio Teixeira, Hildamiel Carlos Teixeira, Antonio de Castro Pereira Rego, Manoel S. Pereira Santos, Luis Olympio Guilhon Ribeiro, Raimundo L. Pereira Rego, Fernando Silva Sobrinho, Annibal Pedro dos Santos, Manuel Jansen Muller, Arthur da Costa Ferreira, José Libanio Ferreira Parga, Angelo Mello, Silvio Serra Lima Azevedo, Dr. Raimundo de Castro, Armando Castro, Themistocles Flavio, Arthur Paulino de Souza, Pedro A. Cardoso Filho, Dr. Joaquim da Cunha Bello, Baptista Rego Filho, Dr. Costa, Viriato Corrêa, Collatino Ferreira Valle, Horacio Lopes, Abelardo Lopes, Rubem Tavares, Dr. Teixeira de Souza, Mauricio Cardoso, Antonio Joaquim de Souza, Ricardo de Berredo, Alvaro J. Serra Lima Saldanha, Euvaldo Nina, Francisco de Paula Belfort Duarte Junior, A. Viveiros de Castro, Arthur Ewerton, Antonio Cantanhede, Sebastião Pereira Guimarães, Moraes Martins, Antonio A. de Almeida Britto, Armando de Oliveira Almeida, Penafort Caldas, João Marques, Dr. Fernando Mendes de Almeida, Eduardo Machado, Caetano Cesar de Campos, Luis F. Gonzaga de Campos, A. G. Fontes, Augusto Marques, Francisco Guimarães, João Antonio de Queiroga Rosa, Belfort Guimarães, Roxo de Rodrigues, Alvaro M. de Barros e Vasconcellos, Manuel Alvaro de Souza Sá Vianna, Antonio de Berredo Coqueiro, Mario de Berredo Leal, Alvaro C. de Berredo, Nosor Galvão, Nestor Serra, Netto Guterres, J. Acylyno de Lima, José Pires Filho, Annibal José da Silva, Heracleito Mattos, José de Almeida Nunes, Akilles Lisboa, Antonio R. do Rego Meirelles, Arthur Lima Rego Meirelles, Benedicto Barros Vasconcellos, Raimundo Magalhães Braga, Augusto Braga, Augusto Porto, Americo Rego, Manuel Nogueira da Silva, João Nunes, Leocadio Rayol, João F. de Carvalho Rego, João Veiga, Gerson Tavares, Luis Varella, José Pires Quarto, José Pires Filho, Dr. Joaquim José da Silva Sardinha, Tarquinio M. Valente, José M. Magalhães de Almeida, Arthur Magalhães de Almeida, Pedro Tavares da Silva, Samuel Ferreira dos Santos, Moysés dos Santos Jacintho, Corrêa do Lago, Alberto Couto Fernandes, José Couto Fernandes, Francisco J. Velez Perdigão, Alberto C. Souza, Raimundo Joaquim Lago, Manuel Lopes da Silva, Dr. Fabio Augusto Bayma, João L. de Abreu Sobrinho, Manuel J. de

Abreu, Fausto Fragoso, A. Veras. Fabio Nunes Leal. Paulo dos Santos Jacintho, João J. de Lima, Reis Carvalho, Dunshee de Abranches, Eliezer Gerson Tavares, Manuel Thomé Rodrigues, Tito C. e Silva, Alarico H. de Castro Lago, Vicente C. Teixeira, Domingos B. de Mesquita, Tell J. Ferrão, Joaquim R. da C. Lobo, Ovidio da Cunha Lobo, Simão Ribeiro, Oswaldo M. Cunha, Tasso da Silva, Oswaldo do Lago Galvão, José J. da Silva, João H. Sève, Fernando C. Perdigão, Caetano Brandão de Souza Junior, Arthur Azevedo, Samuel Quadros, João B. de Moraes Rego, R. de C. Maia, Zadok Pastor, Wenceslau B. F. de Moura, Almerio de Moura, Odenato de Moura, Henrique do Britto Pereira, Antonio Berredo Reis, Arthur da Fonseca Araujo, Vasco Santos, Euclydes Maranhão, Luis M. de Barros Fourniér, Antonio Luis da Costa Santos, João C. Pereira de Castro Junior, Antonio Bricio Guillon, Antonio Enéas Brasil, José Pedro Gomes, Aventino Ribeiro, José Novaes, Souza Carvalho, Manuel Martins Ferreira, Hugo Martins Ferreira, Manoel Euripedes de Oliveira, Armando Coqueiro Vieira da Silva, Mario de Oliveira e Souza, Ornilo Machado Cavalcante, Caio Lustosa de Lemos, Luis Gonçalves Fernandes, Manoel Candido Fernandes, Euclydes Nunes Seabra, João Felipe Bandeira de Mello, Olmidio Serra Lima, Othelo Rodrigues Franco, Conego Osorio A. Cruz, José Gonçalves Vianna, João Godofredo da Silva Bahia, José Lima de Abreu Sobrinho, Joaquim Maria Pinheiro Costa, João A. Serejô, Dr. Manuel A. de Carvalho Leite, Dr. João A. de Carvalho Leite, José B. da Serra Belfort, Paulo José de Oliveira, Benedicto Raimundo da Silva Filho, Francisco Belfort Seabra, Adherbal de Carvalho, Izidoro Pinho, Antonio José de Souza Freitas, Cipriano de Freitas e Arthur da Serra Pinto.

—Velho habitante e amigo sincero do Maranhão, associo-me do intimo d'alma á glorificação que promoveis ao immortal principe dos poetas brasileiros, de cuja tragica morte sou dos já raros contemporaneos ahí residentes.

M. J. Francisco Jorge,

Consul da Columbia.

—Peço junteis minha gratidão ás homenagens a Gonçalves Dias, orgam modesto dos grandes poetas cultura do altruismo consagrando o seu estro á cavalheiresca adoração da mulher, mesmo escrava, a ardorosa sympathia para com os selvagens e na espontanea regeneração do fetichismo, tudo systematisado pela Religião da Humanidade.

R. Teixeira Mendes,

Vice Director do Apostolado Positivista do Brazil.

—Associo-me com satisfação ás homenagens prestadas á memoria do eximio poeta nacional Gonçalves Dias, que tanto honrou as letras patrias.

J. de Noronha,

Ministro da Marinha.

—Associo-me ás manifestações em homenagem a memoria de Gonçalves Dias.

Leopoldo de Bulhões,

Ministro da Fazenda.

—(Petropolis).—Associo-me muito cordialmente ao solenne preito que o Maranhão mais uma vez vae prestar á memoria de Gonçalves Dias, e tomo parte no sentimento que inspira essa homenagem a um dos nossos maiores nomes nacionaes.

Rio Branco,

Ministro das Relações Exteriores.

—Associo-me com entusiasmo e carinho á glorificação do maior poeta do Brazil,—genio tutelar da nossa intelligencia, maravilha e interprete da ternura, da piedade e do lyrismo da alma brasileira.

Olavo Bilac,

(*Da Academia de Letras*).

A Academia Brasileira apresenta á nobre terra maranhense a manifestação de seu apreço no momento em que commemora o quadragesimo anniversario da morte de Gonçalves Dias, seu dilecto filho e uma das puras glorias das letras nacionaes.

Rodrigo Octavio,

1.º Secretario.

—Os membros do Supremo Tribunal Militar abaixo assignados associam-se ás justas homenagens prestadas á memoria de Gonçalves Dias.

—Barão de Ivinhema, Elisario J. Barbosa, Barão de Moura, J. N. Me-deiros Mallet, João Thomaz Cantuaria, Francisco José Teixeira Junior, Bibiano M. da Fontoura Costallat, José Candido Guilloubel, José Nogueira de Souza Carvalho.

—Pelo coração e pelo espirito associo-me á homenagem civica que os meus compatricios prestam a um dos maiores dos seus grandes immortaes, Antonio Gonçalves Dias—, nelle glorificando o maior Poeta brasileiro, o grande artista que consagrou a sua arte ao serviço da Familia, da Patria e da Humanidade, celebrando a gloria do amor e a gloria do indio, a ternura cavalheiresca que a idade media nos legou através da raça portugueza, e a bravura humana do nosso sevicula, heroico antecipado fetichista da civilização brasileira.

A. Reis Carvalho.

